

Convergência

484

SETEMBRO
2015 • ANO L



Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

DIRETORA: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
EDITOR: Irmão Lauro Daros, fms
REDATORA: Irmã Rosa Maria Martins Silva, mscs – MTb 0010693/DF

CONSELHO EDITORIAL: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
João Edênio Valle, svd

PROJETO GRÁFICO: Manuel Rebelato Miramontes
COORDENAÇÃO DE REVISÃO: Marina Mendonça
REVISÃO: Cirano Dias Pelin
IMPRESSÃO: Gráfica de Paulinas Editora
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Anderson Augusto de Souza Pereira

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

Tua palavra é vida 549

Mensagem do Papa

As expectativas do Papa Francisco
para o Ano da Vida Consagrada 551

Mensagens

A Vida Consagrada no século XXI: desafios e perspectivas 556

Informes

Livro da CRB: Vida Religiosa Consagrada
em processo de transformação 561

De Auschwitz à Amazônia: corpos queimados 564

Artigos

Discípulos missionários a partir do Evangelho de João
FREI MOACIR CASAGRANDE 569

A arte de envelhecer feliz na Vida Consagrada
FREI CARLOS JOSAPHAT 586

Como celebrar o Ano da Vida Consagrada
neste calor e sem água? Perscrutai!
FREI JOHANNES GIERSE 607

Em setembro, inicia-se a primavera. A estação da esperança, da alegria, da vida. É também o mês da Bíblia: Palavra que é luz, é paz, é vida nova. “Quando encontrei tuas palavras alimentei-me, elas se tornaram para mim delícias e a alegria do coração” (cf. Jr 15,16).

É esta alegria do coração que o Papa Francisco nos recomenda. Em suas expectativas para o Ano da VC, ele nos lembra: “Somos chamados a experimentar e mostrar que Deus é capaz de preencher o nosso coração e fazer-nos felizes sem necessidade de procurar noutra lugar a nossa felicidade, [...]”. Mas não é uma alegria passiva. Na alegria nos energizamos para a ação. Por isso, expressa ainda o Papa: “Só com esta atenção às necessidades do mundo e na docilidade aos impulsos do Espírito é que este Ano da Vida Consagrada se tornará um autêntico *kairós*, um tempo de Deus rico de graças e de transformação”.

Irmão Jardelino, vice-presidente nacional da CRB, também nos fala de primavera, de horizontes, de ações. No texto “A Vida Consagrada no século XXI: desafios e perspectivas”, pensa que “não podemos permanecer de braços cruzados, omitindo-nos de ações transformadoras e inovadoras diante da realidade na qual vivemos, pois é um momento de graça, é uma oportunidade de mudar alguns paradigmas que ainda são considerados intocáveis”.

Na alegria de uma nova primavera, a CRB oferece o livro *Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação*, de autoria da Equipe Interdisciplinar e publicado por Paulinas Editora. Vejam no sumário a riqueza dos capítulos. O livro nos ilumina para a transformação da VRC. O Reino se realiza na transformação, não na simples reforma.

Mas na ausência de Deus não existe alegria, porque a vida é banalizada. Frei Johannes nos apresenta o texto “De Auschwitz à Amazônia: corpos queimados”. O autor faz um paralelo entre as duas realidades: “Há paralelos em termos da intencionalidade de matar, da falta de vigilância e resistência pela maioria da população, como ainda o martírio dos que denunciaram com palavras e gestos. Hoje, a ‘Auschwitz amazônica’ supera o campo de concentração em qualidade e quantidade de corpos queimados”.

“Discípulos missionários a partir do Evangelho de João” é o artigo do Frei Moacir Casagrande para o mês da Bíblia. Escreve o autor que a Fraternidade é resultado do amor ágape. “Em João o verdadeiro amor se revela na convivência, na partilha e no serviço comunitário. Esta é a fonte inspiradora e nutridora da comunidade, daí se origina o testemunho que precisa ser oferecido”. Diz, ainda, que, “sem amar como Jesus, o zelo de pastor não prevalece, e a entrega pelos necessitados fica muito fragilizada, ligada a conveniências”.

Frei Carlos Josaphat, aos 93 anos, um homem feliz, ensina “A arte de envelhecer feliz na Vida Consagrada”. Para ele, “a arte de envelhecer feliz na Vida Consagrada é uma das mais belas e discretas finezas da graça. Ela assume e eleva a natureza, mostrando-se semente de eternidade, fecundando os recursos e as fragilidades do tempo em uma vida humana que apostou totalmente no Amor”.

Por fim, Frei Johannes pergunta “Como celebrar o Ano da Vida Consagrada neste calor e sem água? Perscrutai!”. Mostra-nos dois motivos para a VRC se engajar no combate às mudanças climáticas: o primeiro: “é de nosso próprio interesse: a sobrevivência”; o segundo é de natureza teológica: “nós, consagrados(as) a Deus, havemos de lutar contra o grido da ‘desconsagração’ ou dessacralização de toda a criação”.

Ir. Lauro Daros, fms

As expectativas do Papa Francisco para o Ano da Vida Consagrada

Que espero eu, em particular, deste Ano de graça da Vida Consagrada?

1. Que seja sempre verdade aquilo que eu disse uma vez: “Onde estão os religiosos, há alegria”. Somos chamados a experimentar e mostrar que Deus é capaz de preencher o nosso coração e fazer-nos felizes sem necessidade de procurar noutro lugar a nossa felicidade, que a autêntica fraternidade vivida nas nossas comunidades alimenta a nossa alegria, que a nossa entrega total ao serviço da Igreja, das famílias, dos jovens, dos idosos, dos pobres nos realiza como pessoas e dá plenitude à nossa vida.

Que entre nós não se vejam rostos tristes, pessoas desgostosas e insatisfeitas, porque “um seguimento triste é um triste seguimento”. Também nós, como todos os outros homens e mulheres, sentimos dificuldades, noites do espírito, desilusões, doenças, declínio das forças devido à velhice. Mas, nisto mesmo, deveremos encontrar a “perfeita alegria”, aprender a reconhecer o rosto de Cristo, que em tudo se fez semelhante a nós e, conseqüentemente, sentir a alegria de saber que somos semelhantes a ele que, por nosso amor, não recusou a cruz.

Numa sociedade que ostenta o culto da eficiência, da saúde, do sucesso e que marginaliza os pobres e exclui os “perdedores”, podemos testemunhar, através da nossa vida, a verdade destas palavras da Escritura: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10).

Bem podemos aplicar à Vida Consagrada aquilo que escrevi na Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, citando uma homilia de Bento XVI: “A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração” (n. 14). É verdade! A Vida Consagrada não cresce, se organizarmos belas campanhas vocacionais, mas se as jovens e os jovens que nos encontram se sentirem atraídos por nós, se nos virem como homens e mulheres felizes. De igual forma, a eficácia apostólica da Vida Consagrada não depende da eficiência e da força dos seus meios. É a vossa vida que deve falar, uma vida na qual transparece a alegria e a beleza de viver o Evangelho e seguir a Cristo.

O que disse aos movimentos eclesiais, na passada Vigília de Pentecostes, repito-o aqui para vós também: “Fundamentalmente, o valor da Igreja é viver o Evangelho e dar testemunho da nossa fé. A Igreja é sal da terra, é luz do mundo; é chamada a tornar presente na sociedade o fermento do Reino de Deus; e fá-lo, antes de tudo, por meio do seu testemunho: o testemunho do amor fraterno, da solidariedade, da partilha” (18 de maio de 2013).

2. Espero que “desperteis o mundo”, porque a nota característica da Vida Consagrada é a profecia. Como disse aos superiores-gerais, “a radicalidade evangélica não é própria só dos religiosos: é pedida a todos. Mas os religiosos seguem o Senhor de uma maneira especial, de modo profético”. Esta é a prioridade que agora se requer: “ser profetas que testemunham como viveu Jesus nesta terra (...). Um religioso não deve jamais renunciar à profecia” (29 de novembro de 2013).

O profeta recebe de Deus a capacidade de perscrutar a história em que vive a interpretar os acontecimentos: é como uma sentinela que vigia durante a noite e sabe quando chega a aurora (cf. Is 21,11-12). Conhece a Deus e conhece os homens e as mulheres, seus irmãos e irmãs. É capaz de discernimento e também de denunciar o mal do pecado e as injustiças, porque é livre, não deve responder a outros senhores que não seja a Deus, não tem outros interesses além dos de Deus. Habitualmente, o profeta está do lado dos pobres e indefesos, porque sabe que o próprio Deus está do lado deles.

Desse modo, espero que saibais, sem vos perder em vãs “utopias”, criar “outros lugares” onde se viva a lógica evangélica do dom, da fraternidade, do acolhimento da diversidade, do amor recíproco. Mosteiros, comunidades, centros de espiritualidade, cidadelas, escolas, hospitais, casas-família e todos aqueles lugares que a caridade e a criatividade carismática fizerem nascer – e ainda farão nascer, com nova criatividade –, devem tornar-se cada vez mais o fermento para uma sociedade inspirada no Evangelho, a “cidade sobre o monte” que manifesta a verdade e a força das palavras de Jesus.

Às vezes, como aconteceu com Elias e Jonas, pode vir a tentação de fugir, de subtrair-se ao dever de profeta, porque é demasiado exigente, porque se está cansado, desiludido com os resultados. Mas o profeta sabe que nunca está sozinho. Também a nós, como fez a Jeremias, Deus assegura: “Não tenhas medo (...), pois eu estou contigo para te livrar” (Jr 1,8).

3. Os religiosos e as religiosas, como todas as outras pessoas consagradas, são chamados a ser “peritos em comunhão”. Assim, espero que a “espiritualidade da comunhão”, indicada por São João Paulo II, se torne realidade e que vós estejais na vanguarda abraçando “o grande desafio que nos espera” neste novo milênio: “fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão”.¹ Estou certo de que, neste Ano, trabalhareis a sério para que o ideal de fraternidade perseguido pelos fundadores e pelas fundadoras cresça, nos mais diversos níveis, como que em círculos concêntricos.

A comunhão é praticada, antes de tudo, dentro das respectivas comunidades do Instituto. A este respeito, convido-vos a reler frequentes intervenções minhas, nas quais não me canso de repetir que críticas, bisbilhotices, invejas, ciúmes, antagonismos são comportamentos que não têm direito de habitar nas nossas casas. Mas, posta esta premissa, o caminho da caridade que se abre diante de nós é quase infinito, porque se trata de buscar a aceitação e a solicitude recíprocas, praticar a comunhão dos bens materiais e espirituais, a correção fraterna, o respeito pelas pessoas mais frágeis... É “a ‘mística’ de viver juntos” que faz da nossa vida

¹ Carta apostólica *Novo millennio ineunte* (6 de janeiro de 2001), 43; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 13/3/2001), 25.

“uma peregrinação sagrada”.² Tendo em conta que as nossas comunidades se tornam cada vez mais internacionais, devemos questionar-nos também sobre o relacionamento entre as pessoas de culturas diferentes. Como consentir que cada um se exprima, que seja acolhido com os seus dons específicos, que se torne plenamente corresponsável?

Além disso, espero que cresça a comunhão entre os membros dos diferentes Institutos. Não poderia este Ano ser ocasião de se sair, com maior coragem, das fronteiras do próprio Instituto para elaborar em conjunto, em nível local e global, projetos comuns de formação, de evangelização, de intervenções sociais? Poder-se-á assim oferecer, de forma mais eficaz, um real testemunho profético. A comunhão e o encontro entre diferentes carismas e vocações é um caminho de esperança. Ninguém constrói o futuro isolando-se, nem contando apenas com as próprias forças, mas reconhecendo-se na verdade de uma comunhão que sempre se abre ao encontro, ao diálogo, à escuta, à ajuda mútua, e nos preserva da doença da autorreferencialidade.

Ao mesmo tempo, a Vida Consagrada é chamada a procurar uma sinergia sincera entre todas as vocações na Igreja, a começar pelos presbíteros e leigos, a fim de “fazer crescer a espiritualidade da comunhão, primeiro no seu seio e depois na própria comunidade eclesial e para além dos seus confins”.³

4. Espero ainda de vós o mesmo que peço a todos os membros da Igreja: sair de si mesmo para ir às periferias existenciais. “Ide pelo mundo inteiro” foi a última palavra que Jesus dirigiu aos seus e que continua hoje a dirigir a todos nós (cf. Mc 16,15). A humanidade inteira aguarda: pessoas que perderam toda a esperança, famílias em dificuldade, crianças abandonadas, jovens a quem está vedado qualquer futuro, doentes e idosos abandonados, ricos saciados de bens, mas com o vazio no coração, homens e mulheres à procura do sentido da vida, sedentos do divino...

Não vos fecheis em vós mesmos, não vos deixeis asfixiar por pequenas brigas de casa, não fiquéis prisioneiros dos vossos problemas. Estes resolver-se-ão se sairdes para ajudar os outros a resolverem os seus problemas, anunciando-lhes

2 Carta apostólica *Evangelii gaudium* (24 de novembro de 2013), 87.

3 JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata* (25 de março de 1996), 51: *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 30/3/1996), 149.

a Boa-Nova. Encontrareis a vida dando a vida, a esperança dando a esperança, o amor amando.

De vós espero gestos concretos de acolhimento dos refugiados, de solidariedade com os pobres, de criatividade na catequese, no anúncio do Evangelho, na iniciação à vida de oração. Consequentemente almejo a racionalização das estruturas, a reutilização das grandes casas em favor das obras mais cónsonas às exigências atuais da evangelização e da caridade, a adaptação das obras às novas necessidades.

5. Espero que cada forma de Vida Consagrada se interrogue sobre o que pedem Deus e a humanidade hoje.

Os mosteiros e os grupos de orientação contemplativa poderiam encontrar-se entre si ou se conectar dos mais variados modos, para trocarem experiências sobre a vida de oração, o modo como crescer na comunhão com toda a Igreja, como apoiar os cristãos perseguidos, como acolher e acompanhar as pessoas que andam à procura de uma vida espiritual mais intensa ou necessitam de um apoio moral ou espiritual.

O mesmo poderão fazer os Institutos caritativos, dedicados ao ensino, à promoção da cultura, aqueles que estão lançados no anúncio do Evangelho ou desempenham particulares serviços pastorais, os Institutos Seculares com a sua presença capilar nas estruturas sociais. A inventiva do Espírito gerou modos de vida e obras tão diferentes, que não podemos facilmente catalogá-los ou inseri-los em esquemas pré-fabricados. Por isso, não consigo referir cada uma das inúmeras formas carismáticas. Mas, neste Ano, ninguém deveria subtrair-se a um sério controle sobre a sua presença na vida da Igreja e sobre o seu modo de responder às incessantes e novas solicitações que se levantam ao nosso redor, ao clamor dos pobres.

Só com esta atenção às necessidades do mundo e na docilidade aos impulsos do Espírito é que este Ano da Vida Consagrada se tornará um autêntico *kairós*, um tempo de Deus rico de graças e de transformação.

Fonte: Carta apostólica *Às pessoas consagradas*: em ocasião do Ano da Vida Consagrada. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 16-23.

Mensagem do Irmão Jardelino

A Vida Consagrada no século XXI: desafios e perspectivas

IR. JARDELINO MENEGAT, FSC*

1. Introdução

Vivemos uma época na qual a Vida Consagrada parece não ter muito reconhecimento social. Não temos por certo se já foi detentora desse reconhecimento nem se é necessário que o tenha. Acreditamos que cabe a nós agradecer a Deus pelo fato de termos chegado ao século XXI com vida, vitalidade e perspectivas de futuro.

Somos convidados a olhar para o passado com gratidão, viver o presente com paixão e lançar-nos para o futuro com esperança. A urgência, hoje, é que esta Vida Consagrada necessita ressurgir, reavivar-se, transformar-se, revitalizar-se, ressignificar-se. Tudo isso sob a ação renovadora do Espírito de Deus, que nos impulsiona para um novo modo de ser, conviver e agir como consagrados.

A Vida Consagrada tem sentido, e por muito tempo continuará tendo sentido e significado, se ela se deixar renovar pelo Espírito de Deus. Em nossos dias a Vida Consagrada atravessa um período de incertezas, mas por outro lado existe esperança e confiança na capacidade que temos de superar esta situação.

Creio não haver motivos para desanimar. Pelo contrário, nosso esforço deve estar concentrado na busca de alternativas para fortalecer a paixão de viver o presente e lançar-nos para o futuro com esperança.

Não podemos permanecer de braços cruzados, omitindo-nos de ações transformadoras e inovadoras diante da

* Irmão das Escolas Cristãs, lassalista, reitor do Centro Universitário La Salle do Rio de Janeiro, vice-diretor do Colégio La Salle Abel, Niterói-RJ, vice-presidente da CRB Nacional.

realidade na qual vivemos, pois é um momento de graça, é uma oportunidade de mudar alguns paradigmas que ainda são considerados intocáveis.

É necessário e urgente identificar sinais de vitalidade na Vida Consagrada, pois nem tudo é “escuro” e “sem horizonte” para ela. Ninguém cresce desde o negativo, mas sim desde o positivo. Há muitos sinais de vitalidade profética que estão surgindo na Vida Consagrada, e estes são os que nos devem sustentar e animar.

Entre tantos caminhos que podem fortalecer a Vida Consagrada, destacamos a importância de ressignificar a mística, a comunhão e a profecia do(a) consagrado(a) como desafio e perspectiva para a sua própria vida.

2. A mística, a comunhão e a profecia do(a) consagrado(a)

Acreditamos que o coração humano, independentemente da confissão religiosa que professa, tem sede e anseio de algo que o transcende, pois o anseio pela presença de Deus faz parte de toda pessoa.

Para o consagrado, a mística, a comunhão e a profecia devem estar intimamente unidas, de tal maneira que não podem separar-se. A mística é a experiência de Deus na vida do(a) consagrado(a), por isso não pode deixar de ser profética e testemunhadora do Ressuscitado. A comunhão na vida do(a) consagrado(a) é o ato de compartilhar o ser, o conviver e o fazer juntos e por associação. A profecia é o espaço que o(a) consagrado(a) dispõe para ser o(a) anunciador(a) da Palavra e do testemunho do Evangelho.

A mística, a comunhão e a profecia são três vertentes essenciais da identidade do(a) consagrado(a). A mística leva o(a) consagrado(a) diretamente à união com Deus. Não existe mística autêntica se não desemboca em um compromisso fraterno e profético; a vida em comunhão é o lugar privilegiado para o(a) consagrado(a) ver o rosto de Deus; não cabe pensar em uma profecia que não se nutra da vinculação profunda com a mística e a vida em comunhão.

O(a) consagrado(a) está intimamente chamado(a) a ser místico, fraterno e profético, isto é, chamado a viver uma vida em que a mística impulse para viver a fraternidade e realizar a missão.

A experiência mística do(a) consagrado(a) parece ter como objetivo essencial a busca de uma união que rompe os limites do Eu e, deste modo, mergulha na realidade vivida como plenitude, que é a união mística. A experiência mística é essencialmente parte divina, isto é, exala a presença de Deus na alegria, no sofrimento, no conviver e no fazer.

A experiência fraterna do(a) consagrado(a) não é apenas a partilha de espaços em comum, mas a partilha de histórias de vida. *Não basta estar juntos, é preciso conhecer o(a) outro(a)*. Viver em fraternidade é dividir a dor e somar a alegria com o próximo.

A experiência profética do(a) consagrado(a) é a experiência de Deus em sua vida. Movido(a) pelo Espírito de Deus, o(a) consagrado(a) age como mensageiro(a) de Deus, está afinado(a) com Deus, vê a realidade com os olhos de Deus. Por isso ele(a) anuncia o amor de Deus, sua ternura e misericórdia, e sua paixão pela vida humana.

Assim como a vivência mística se caracteriza pela experiência da presença envolvente do Espírito de Deus, as vivências fraterna e profética se caracterizam pela escuta e pelo anúncio da Palavra que vem da divindade e que o(a) consagrado(a) sente-se comprometido(a) a viver e anunciar.

Nesta época de mudanças, como consagrados(as) corremos o risco de perder a profundidade da mística, o dinamismo da fraternidade e o vigor profético quando deixamos de “subir a montanha” ou evitamos “andar pelo deserto” e vivermos e convivermos em comunhão. Na montanha nos elevamos a Deus e nos colocamos no coração de Deus. No deserto temos a oportunidade de refazer nossas escolhas e colocar Deus no nosso coração. A comunidade é o lugar privilegiado para vermos o rosto de Deus na pessoa de nossos(as) coirmãos(ãs).

Hoje estamos vivendo o paradigma da complexidade. Diante da complexidade da realidade na qual vivemos abrem-se várias possibilidades e surgem alguns obstáculos. Ante isso, destaca-se o avanço acelerado das novas tecnologias, que traz consigo a revolução dos relacionamentos

entre indivíduos, o enfraquecimento da fraternidade e da espiritualidade. Neste cenário está a Vida Consagrada, que também sofre as consequências dessas mudanças.

A formação permanente para os(as) consagrados(as) constitui-se uma exigência intrínseca para enfrentarmos a época de mudanças na qual estamos envolvidos. O processo de formação não pode se reduzir a um tempo determinado na vida do(a) consagrado(a), mas sim à vida toda. Nenhuma etapa da vida do(a) consagrado(a) pode ser considerada concluída, mas em processo de formação contínua. Os(as) formadores(as) que têm a missão específica de ajudar os(as) consagrados(as) em seu processo formativo podem considerar-se formados(as), mas também necessitam continuar seu processo formativo.

3. Considerações finais

Parece-nos que estamos vivendo um novo tempo para a Vida Consagrada. Precisamos de um novo estilo de Vida Consagrada se a queremos com vitalidade. Para isso, necessitamos olhar o passado com gratidão, ver as bênçãos, os dons e as graças recebidas em nível pessoal, comunitário, provincial e de Congregação. Precisamos olhar o presente com alegria e paixão. *O que sustenta esta alegria e paixão de nosso ser consagrados(as)? O que bloqueia a alegria e paixão do nosso ser, conviver e fazer?* Precisamos olhar o futuro com esperança, a partir dos vários pronunciamentos da Igreja, particularmente do nosso Papa Francisco, que nos interpela a sairmos de nós mesmos, libertar-nos das estruturas que nos impedem de realizarmos melhor nossa missão e de vivermos nossa consagração.

Espera-se que o espaço da vida comunitária e da missão ofereçam os instrumentos e a estrutura mínima para que os(as) consagrados(as) cresçam na dimensão humana e espiritual. O elemento-chave para tudo isso é que os(as) consagrados(as) estabeleçam relações, vínculos humanos autênticos, profundos e transparentes entre si. Apesar das limitações, a Vida Consagrada continua sustentando a perpetuidade dos compromissos. Como consagrados(as) experimentamos e

testemunhamos a busca e o encontro com o Deus da vida, isto é, o seguimento de Jesus Cristo.

A Vida Consagrada é um dom do Espírito à sua Igreja, dom gratuito, que expressa o amor e o cuidado de Deus por seu povo, ao qual é enviada para acompanhar e caminhar no dia a dia. É a expressão de que Jesus continua chamando os que ele quer para ser memória vivente do modo de agir e viver de Jesus a favor do Reino.

Neste ano, o Papa Francisco convidou a Igreja para celebrar o Ano da Vida Consagrada. Nós, consagrados(as), abraçamos com imensa alegria e satisfação esse convite, assim como acolhemos todas as cartas pastorais escritas por ele e por seus cardeais que presidem os Dicastérios da Santa Sé. Escritos esses relacionados à perspectiva da alegria na Vida Consagrada que caminha na direção da descoberta de Novos Horizontes para essa Profecia, Comunhão e Mística, que nos interpela a seguirmos na direção onde os pobres e os pequenos estão, como era o desejo de Jesus histórico na construção em mutirão do Reino de Deus.

Acredita-se que o encanto, a alegria e o entusiasmo no seguimento de Cristo, assumidos pelos(as) consagrados(as) na sua existência como discípulos(as), constituirão o fermento e o encantamento de novas vocações à Vida Consagrada. Para que isso aconteça é urgente manter os olhos fixos em Jesus. Essa, sim, é a certeza de um futuro feliz.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Você acredita que a mística, a fraternidade e a profecia são realidades essenciais para a Vida Consagrada?
2. Em que medida a mística, a fraternidade e a profecia são urgências eclesiais que interpelam a Vida Consagrada?
3. Tendo presente a realidade comunitária, provincial e da Congregação, quais são os novos desafios da mística, da fraternidade e da profecia?

Livro da CRB: Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação

A CRB apresenta à VRC o livro *Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação*, fruto da dedicação gentil da Equipe Interdisciplinar para o Ano da Vida Consagrada. A CRB sente-se imensamente grata à Equipe Interdisciplinar e outros autores convidados. Nestes tempos de individualismo e de utilitarismo, a gentileza dos autores é sinal de que a bondade e o desprendimento – sinais do Reino – são valores perenes e indestrutíveis. Mais que as palavras, são as obras que tornam possível o Sonho.

Frei Susin, organizador, diz, na introdução: “Em tempos de grande transformação, perguntas radicais atingem as razões primeiras: por que estar nesta vida, nesta forma de vida? Para que, no caso, ser religiosa ou religioso de uma congregação, de uma ordem religiosa? Na verdade, ser *cristão* é o ideal que está na raiz de tudo e por cima de tudo. Tornar-se cristão é, então, a meta da Vida Religiosa Consagrada (VRC) nas diferentes formas de seguimento de Jesus”.

Escreve ainda Frei Susin: “O livro não precisa ser lido exatamente na ordem em que se apresenta, nem todo de uma vez. Os capítulos podem ser úteis em diferentes momentos e na ordem que interessar ao(à) leitor(a). Embora a destinação seja aberta, é claro que não está escrito na forma de uma cartilha para animar estudos de comunidades. São estudos, pesquisas, reflexões, que pretendem oferecer ajuda especialmente a quem precisa assessorar a VRC em retiros, cursos, palestras. É também um subsídio para quem precisa assumir encargos de coordenação e liderança no ministério do poder: provinciais, superiores de comunidades, e sobretudo os formadores que precisam ajudar honestamente quem está em formação inicial a pensar bem a graça do chamado à VRC”.

Para uma visão geral do livro, vejam o sumário:

Apresentação: Ir. Maria Inês Ribeiro, mad – Presidente CRB

Introdução: Frei Luiz Carlos Susin, ofmcap (coordenador da edição)

1. Do porto seguro a um tempo de provação, da incerteza à esperança pascal. A Vida Religiosa Consagrada e os seus atuais desafios (Fr. Luiz Augusto de Mattos, osa)
2. Primavera em questão: novas comunidades (Brenda Carranza)
3. Redes Sociais e novas fronteiras da Vida Religiosa Consagrada (Pe. Rafael Lopez Villasenor, mx)
4. Vida Religiosa Consagrada feminina: *levantese!* (Ir. Rita Romio, stj)
5. Interculturalidade nas comunidades religiosas: novas formas de viver (Pe. Joachim Andrade, svd)
6. Ecologia: novos espaços para a Vida Religiosa Consagrada (Ir. Afonso Murad, fms)
7. Profissionalização, especialização e missão congregacional (Pe. Estêvão Raschietti, sx)
8. Envelhecimento saudável: uma arte (Ir. Maria de Fátima Alves de Moraes, ascj)
9. A circularidade e os diversos modos de exercer o poder (Ir. Cleusa Maria Andreatta, idp; Ir. Susana María Rocca, mcr)
10. Uma formação integral hoje e amanhã (Ir. Paulo Dullius, fsc)
11. Anunciar com a vida que Ele ressuscitou (Pe. Mauro Negro, osj)
12. Orar sem cessar: mística e mistagogia da Vida Religiosa (Frei Luiz Carlos Susin, ofmcap; Ir. Salete Verônica Dal Mago, cifa)
13. “Vejam que estou fazendo uma coisa nova”. “Ela está brotando agora e vocês não percebem?” (Pe. Thomaz Hughes, svd)

14. Outros olhares:

Uma missão amazônica (Felício Pontes – Belém)

Imagens da Vida Religiosa (Lucia Ribeiro – Rio de Janeiro)

A comum e difícil tarefa de se sentir útil: experiência, proximidade e crescimento com a Vida Consagrada (Cesar Kuzma – Rio de Janeiro)

Da Vida Consagrada à consagração da vida (Jacques Távora Alfonsin – Porto Alegre)

Um leigo buscando sinais exemplares na Vida Consagrada (Luiz Alberto Gomes de Souza – Rio de Janeiro)

São homens e mulheres como os que marcaram minha vida que a Igreja necessita cada dia mais (Sonia Maria Marques de Souza Cosentino – Rio de Janeiro)

As “irmãzinhas” de caminhada, com ou sem hábito (Sérgio Ricardo Coutinho – Brasília)

Vida Religiosa no Brasil (Faustino Teixeira – Juiz de Fora)

Nunca vos detenhais! Sempre em movimento! (Maria Emmir Oquendo Nogueira – Shalom)

Irmã Maria Inês, presidente nacional da CRB, pede com carinho: “Religiosas e Religiosos, recebam com alegria esta obra – graça de Deus. O Ano da Vida Consagrada torna-se mais rico e nossas ações mais transformadoras. E tenhamos continuamente na missão as palavras do Papa: ‘Sempre onde estão os(as) consagrados(as), sempre há alegria!’”.

De Auschwitz à Amazônia: corpos queimados

FR. JOHANNES GIERSE*

Uma “visita” a Auschwitz

Essa palavra já diz tudo. Todo mundo sabe seu significado. Para nós, alemães, este capítulo de nossa história causa vergonha e está impresso na nossa identidade. Meus pais presenciaram o antes, o durante e o depois da Segunda Guerra Mundial. Na sala de aula tratamos longamente deste tema durante meses. Nunca imaginei que iria conhecer Auschwitz, pois estava situado do outro lado da Cortina de Ferro. Mas, em 2014, um franciscano, natural da Polônia, foi participar de um casamento e aí ele me convidou a acompanhá-lo. Da casa da prima dele até Auschwitz era só uma hora de viagem. Não vou falar das minhas impressões feitas naquele lugar, é impossível. Só quem viu sabe como é.

De Auschwitz à Amazônia...

Auschwitz e Amazônia são lugares bem distintos, setenta anos separados pelo tempo e 9.500 km pela distância geográfica, partindo de Manaus em linha reta. Porém, quando abri os olhos percebi que esses lugares têm muito em comum. Há paralelos em termos da intencionalidade de matar, da falta de vigilância e resistência pela maioria da população, como ainda o martírio dos que denunciaram com palavras e gestos. Hoje, a “Auschwitz amazônica” supera o campo de concentração em qualidade e quantidade de corpos queimados.

* Alemão, desde 1990 no Brasil. Membro da Província Franciscana de Nossa Senhora da Assunção, Bacabal-MA. Experiências pastorais no Nordeste e na Amazônia, mesurado em Missiologia pelo ITESP.

... do genocídio ao ecocídio

A Amazônia é como uma carne muito gostosa, a picanha. A indústria madeireira, a mineração, o agronegócio e, por fim, o setor energético cortam todo dia um pedaço deste filé. 20% da Amazônia original não existe mais. O mal menor é o genocídio dos povos indígenas, considerados obstáculos para o progresso, dos quais se toma as terras demarcadas e os rios. O mal maior é o ecocídio – não intencional, mas de fato – isto é, “a destruição ambiental generalizada causada pela civilização industrial que interfere gravemente no equilíbrio ecológico através de uma poluição em massa” (Wikepédia).

Você deve ter entendido: “Amazônia” é sinônimo do nosso sistema de produzir, transportar e consumir e que comete o ecocídio global. Embora nossas ações poluentes sejam simples, uma coisa de nada para o momento (gás carbono dos carros, aviões, cruzeiros, agronegócio, desmatamento, queimadas etc.), o efeito se acumula a longo prazo, causando o aquecimento global. 2014 foi o ano mais quente já registrado no mundo... já pensou?!

A intencionalidade de matar

Hitler era obstinado pela ideia de criar uma raça pura ariano-germânica, por isso os demais seres “humanos” eram considerados sub-humanos ou não humanos, especialmente os judeus, que precisavam ser eliminados sistematicamente. Somente em Auschwitz foram queimados mais de um milhão de judeus – um por minuto – durante anos. Exemplos de matanças em massa, de eliminação de minorias étnicas, políticas, religiosas ou de qualquer um que é diferente, sempre houve na história da humanidade. Mas só Hitler era tão cruel? Os colonizadores espanhóis e portugueses dizimaram os nativos da América Latina! E a versão mais nova de um tal fanatismo estamos vendo no Estado Islâmico.

A novidade dos nazistas era que não queriam “apenas” aniquilar os judeus. A intenção maior do extermínio do povo de Israel era o teocídio, a morte de Deus; assim o Papa Bento condensou este plano diabólico no seu discurso em 28 de maio de 2006 em Auschwitz:

[...] No fundo, aqueles criminosos violentos, com a aniquilação deste povo, pretendiam matar aquele Deus que chamou Abraão, que falando no Sinai estabeleceu os critérios orientadores da humanidade que permanecem válidos para sempre. Se este povo, simplesmente com a sua existência, constitui um testemunho daquele Deus que falou ao homem e o assumiu, então aquele Deus devia finalmente estar morto e o domínio devia pertencer apenas ao homem àqueles que se consideravam os fortes que tinham sabido apoderar-se do mundo. Com a destruição de Israel, com o *Shoa*, queriam, no fim de contas, arrancar também a raiz sobre a qual se baseia a fé cristã, substituindo-a definitivamente com a fé feita por si, a fé no domínio do homem, do forte. [...]

O genocídio judaico/teocídio de outrora aplica-se ao ecocídio de hoje: Em nome do crescimento econômico *sine qua non* – sem o qual nada funciona – comercializa-se tudo; o lucro, o mercado, a bolsa de valores são o bezerro de ouro ao redor do qual todos dançam e ao qual adoram. É pura ignorância e alienação que levam as pessoas a agir desse jeito ou elas fazem isso de forma consciente? O teólogo austríaco Paul Zulehner é da opinião que o homem pós-moderno, em vez de se desenvolver de uma posição de submissão à natureza a um parceiro cuidadoso dela, tornou-se seu dominador explorador. Movido pela fantasia de ser um dia igual a Deus, o ser humano acredita no progresso ilimitado, nisto consiste seu atual “complexo de Deus”. Embora essa crença tenha obtido algumas conquistas boas, ela encontra-se hoje numa crise tão profunda que levou a humanidade à beira de sua total auto-destruição (*Christenmut: Geistliche Übungen*, 161).

“Esta economia mata” – as palavras do Papa Francisco (*Evangelii Gaudium*, n. 53) dizem tudo! Esta economia, tal como funciona, mata tudo: os recursos naturais, os biomas, as pessoas com seu *habitat* e suas culturas.

A falta de vigilância para reconhecer o perigo

A catástrofe do *genocídio* praticado pelos nazistas não veio da noite para o dia, mas levantou-se como uma onda gigantesca do mar. Houve sinais de alerta: Hitler publicou, em 1925, seu livro *Mein Kampf* [*Minha luta*], no qual expôs sua ideologia;

em 1933, foi eleito chanceler. No ano de 1938, aconteceu a anexação da Áustria, a primeira deportação de 17.000 judeus de nacionalidade polonesa e os pogroms (atos de violência contra os judeus em todo o Reich). A Guerra Mundial começou com a invasão na Polônia, em setembro de 1939.

Os primórdios do *ecocídio* foram identificados primeiramente pelo *Clube of Rom* quando, em 1968, falou dos *limites do crescimento*. As Nações Unidas já tiveram em 1972 (Estocolmo) a consciência de que a *conservação do meio ambiente* seria uma exigência global e declararam o dia 5 de junho como o “Dia Mundial do Meio Ambiente”. A ONU-Comissão Brundtland marcou, em 1987, dois conceitos novos: *Nosso futuro comum* e a *sustentabilidade*, que se tornou a palavra-chave nas questões ambientais e das políticas de desenvolvimento. Primeiro documento papal a mencionar a problemática é a *Sollicitudo Rei Socialis*, de João Paulo II, em 1987. A expressão *mudança climática* aparece pela primeira vez no Painel Intergovernamental (IPCC) em 1988. A Rio-92 é a primeira e maior conferência da ONU a tratar de *meio ambiente e desenvolvimento*. Francisco é o primeiro papa a escrever uma encíclica integralmente “verde ecológica”. Estamos esperando ansiosamente.

Como reagiu o povo ontem? E hoje?

Quando Hitler chegou ao poder, a grande maioria do povo alemão ficou entusiasmada: após a Primeira Guerra e o fracasso da democracia de *Weimar*, ele era o salvador da pátria. O povo o aplaudiu e seguiu – até a guerra total. Quando se espalharam as notícias da deportação de gente, quase todos fizeram de conta que não sabiam de nada. “Levaram a dona Maria e seu Zé, e aí?!” Cego pelo preconceito ou cheio de ódio contra o diferente, o povo justificava a violência; muitas pessoas morriam de medo. A maioria dos cristãos católicos e luteranos, também do clero, ficou calada, ou até apoiava o regime. Eu questionei muito os meus pais e parentes: “Vocês sabiam o que acontecia e não fizeram nada?”.

Hoje é o mesmo: mudança de clima, escassez dos recursos e de água, injustiça socioecológica, e a humanidade continua imitando os três macacos: não ver nada, não ouvir nada,

não falar nada. Percebe-se o desaparecimento dos “vizinhos naturais”, da biodiversidade, das florestas, dos rios, dos solos férteis, o gás “Zyklon B” foi substituído pelo CO² e, mesmo assim, todos fazem de conta. Há pessoas teimosas que, ignorando os dados científicos, atribuem as catástrofes à “fúria da natureza” e negam a ação humana como causa do aquecimento global. E os políticos no governo, atrelados ao capital, batem na mesma tecla: “A economia é o motor do País, sem crescimento nada feito!”. Todos sofrem de “ecomiofia” – visão ecológica curta. E de novo os jovens e as crianças perguntam a nós, adultos: “Vocês sabiam da matança e não fizeram nada?”.

A resistência de uns poucos

Houve pessoas ou pequenos grupos que, prevendo o perigo, tentaram resistir aos nazistas com palavras e ações. Os livros de história contam os nomes dos heróis que perderam a sua vida por falar contra e planejar um atentado contra Hitler. Alguns poucos cristãos relutantes, vozes proféticas, se tornaram “a Igreja que professa a fé”, os mártires.

Diante da questão ecológica também são poucos os que reconhecem o sinal do tempo. Em 1971, foi fundada o Greenpeace; em 1980, foi fundado o primeiro partido “verde” na Alemanha, ironizado por quase todos. E os cristãos? Fora os mártires que levantaram a bandeira da “floresta amazônica em pé”, da Reforma Agrária (Chico Mendes, Sra. Dorothy Stang, lavradores assassinados), pergunta-se: cadê o profetismo da Igreja de Cristo? Onde esteve Deus em Auschwitz? Onde ele está hoje? Melhor: onde estão os cristãos que denunciam os corpos queimados?

Auschwitz e Amazônia, genocídio e ecocídio são causados pelo teocídio, o “complexo de Deus”, embora de ângulos diferentes: Ele se manifesta ou na ambição de querer eliminar a Deus (Auschwitz), ou no querer ser igual a ele. O resultado é o mesmo. Agora, o que você me diz: o mundo tem futuro?

Discípulos missionários a partir do Evangelho de João

“Permaneçei no meu amor,
para dar muitos frutos”
(cf. Jo 15,8-9)

FR. MOACIR CASAGRANDE, OFMCAp

O título do artigo são o tema e o lema do mês da Bíblia, celebrado em setembro por nossa Igreja no Brasil. Apreciaremos com mais profundidade o discipulado e a missão no quarto Evangelho.

Introdução

A iniciativa de dedicar um tempo especial à Bíblia no mês de setembro se deve ao fato de que no dia 30 desse mês celebra-se São Jerônimo, a pessoa que traduziu a Bíblia do hebraico, do aramaico e do grego para o latim, deixando também muitos comentários bíblicos. Jerônimo, natural de uma região da Espanha que hoje é Portugal, foi a Roma, por volta do ano 366, onde foi batizado e nomeado secretário do Papa Dâmaso. Faleceu em 420 na cidade de Belém, Israel. O Papa Dâmaso firmou a autoridade da Sé Apostólica, combateu o arianismo¹ com ajuda de Ambrósio de Milão e Jerônimo, que com ele muito contribuíram para a difusão do verdadeiro Cristianismo. Desejava oferecer aos fiéis maior conhecimento da Palavra de Deus e também sua maior divulgação. Jerônimo tem colaborado particularmente neste aspecto.

No Brasil, por ocasião da celebração dos seus cinquenta anos, a Arquidiocese de Belo Horizonte teve a iniciativa de fazer estudos, leituras, orações e divulgação da Bíblia entre os fiéis. A iniciativa foi assumida pelo Serviço de Animação

¹ Arianismo é a doutrina iniciada por Ário em 319. O sacerdote de Alexandria ensinava que Jesus foi a criatura mais perfeita de Deus, mas que não era Deus. Negava, portanto, a consubstancialidade entre Jesus e Deus. Ário foi condenado no Concílio de Alexandria em 321, mas sua doutrina perdurou ainda por muitos anos.

Bíblica, que, a partir desse evento, foi avançando pelas dioceses do Brasil e do exterior, até ser acolhida por todas as dioceses em 1985. Desde 2012, inspirado no *Documento de Aparecida*, o tema tem se centrado nas narrativas evangélicas, sendo que em 2012 tratou do discipulado e da missionariedade segundo Marcos, seguido de Mateus em 2013, Lucas em 2014, e agora João em 2015.

Como a comunidade de João apresenta o discipulado e a missão na narrativa do Evangelho?

Numa rápida comparação a diferença salta aos olhos. Para começo de conversa, em toda a narrativa de João temos apenas uma² pessoa chamada por Jesus ao seu seguimento. Esta pessoa é Filipe (Jo 1,43). Jesus, porém, acolhe dois que o procuram (Jo 1,38-39), enviados por João Batista (Jo 1,35-37). Acolhe também Natanael, que lhe é apresentado por Filipe (Jo 1,45-48). Em nenhum lugar João apresenta a lista dos Doze.

Um Chamado corresponsável

No discipulado de Jesus, segundo João, ele acolhe e partilha a responsabilidade com o povo. As pessoas que conhecem Jesus têm a responsabilidade de encaminhar outras para que se façam discípulas dele. Assim, poderíamos dizer que a primeira missão de quem conhece Jesus é apontá-lo a outras pessoas. Por quê? Porque o discipulado só pode ser feito com ele. Jesus não precisa chamar, mas precisa acolher os enviados a ele e certificar-se do interesse deles. Isso deixa claro que não há discipulado sem convivência com Jesus e não há missão sem discipulado. Evidencia-se, então, a centralidade da vida em comunidade, pois é nela que se exercita o amor mútuo, a verdadeira caridade. Quem foi chamado e conviveu com Jesus tem o dever de chamar e enviar ou levar ao encontro de Jesus, isso é prova do verdadeiro discipulado.

2 Jesus também chama Lázaro para fora do túmulo (Jo 11,43), mas neste caso pode caracterizar o poder de libertação que Jesus possui e o de comprovação que Lázaro vai oferecer. De fato, em Jo 12,10 as autoridades decidiram matar também Lázaro.

O cultivo da comunhão com o enviante

Outra significativa diferença se encontra no verbo usado por Jesus, segundo a comunidade joanina, para caracterizar o envio dos missionários. O envio em João acentua a origem da missão.

Os evangelistas Marcos, Mateus e Lucas gostam de usar o verbo “apostello”³ para tratar do envio, enfocando a missão. Tal verbo é usado para acentuar o objetivo especial e particular do envio. Trata-se do para quê? O importante é saber qual é a missão do enviado. Nesse caso não interessa tanto quem manda, nem quem é o mandado, mas o encargo, a ação para a qual a pessoa é enviada a desempenhar.

João, por sua vez, lança mão do verbo “pempo”⁴. E não por acaso. É uma questão intencional, ele quer responder à pergunta: enviado de quem? O verbo é usado para acentuar a origem da missão que está no enviante, bem como a transmissão do cargo. O Pai enviou, transmitiu, encarregou seu filho Jesus. Nesse caso se destaca o Pai, pois é ele quem envia e não outro qualquer (Jo 5,37.43). Quanto mais importante for quem envia, mais importante será o enviado. Assim, não é suficiente que a pessoa fique focada naquilo que ela foi mandada a fazer, mas ela precisa ter sempre presente a vontade daquele que a enviou. Ela nunca desempenhará bem a missão se não cultivar constante contato com o enviante. O enviado só será fiel se mantiver constante comunhão com o enviante. Se ele se isolar no encargo ou na tarefa recebida pode perder o dinamismo da fonte inspiradora, cair na rotina e/ou virar impostor. Creio que aqui esteja a explicação para tanto cansaço e estresse no apostolado de hoje. Isto acontece pela perda do dinamismo do Espírito que brota da ligação com o enviante. A leveza é dada pelo Espírito Santo, a morosidade pela ausência dele.

Tanto “apostello” quanto “pempo” são traduzidos por ENVIAR e MANDAR, mas em sua origem, tem significados diferenciados. É claro que a pessoa enviada ou mandada está a serviço de quem a envia ou manda e age também na responsabilidade de quem mandou. Rejeitar essa

3 O verbo mais usado no Novo Testamento para falar de missão é *apostello*. Está presente 131 vezes, sendo assim usado pelos evangelistas: Mateus, 22 vezes; Marcos, 20 vezes; e Lucas, 56 vezes.

4 Em seguida, temos o verbo *pempo*, usado 79 vezes. Este é o verbo preferido do evangelista João. Ele o usa 32 vezes: 1,22.33; 4,34; 5,23.24.30.37; 6,38.39.44; 7,16.18.28.33; 8,16.18.26.29; 9,4; 12,44.45.49; 13,16.20; 14,24.26; 15,21.26; 16,5.7; 20,21. O evangelista Lucas usa o verbo *pempo* 21 vezes.

pessoa é rejeitar aquela que a enviou. “Quem vos ouve, a mim ouve, e quem vos rejeita, a mim rejeita, mas quem me rejeita, rejeita aquele que me enviou” (cf. Jo 12,48; Lc 10,16). Por outro lado Jesus também diz: “Em verdade, em verdade, vos digo, receber aquele que eu enviar é receber a mim mesmo e receber-me é receber aquele que me enviou” (cf. Jo 13,20; Mt 10,40). Observe-se que, embora essas afirmações estejam presentes em outros evangelistas, elas são mais constantes em João. Aí Jesus insiste em mostrar que sua missão tem origem no Pai e só se sustenta na comunhão com o Pai, mas deixa claro que apresentá-la aos outros faz parte da fidelidade ao Pai (Jo 5,37-44). Assim, quem ama Deus Pai acolhe Deus Filho, não só, também apresenta o Filho aos outros.

Alguém é enviado sempre com um encargo, para um serviço, que chamamos de missão. Para nós, a missão tem um sentido profundamente religioso. Não se trata só de cumprir mandatos e prestar serviços. Trata-se de colocar-se na pele de quem envia e assumir o encargo ou serviço em comunhão com aquele que envia, em favor dos destinatários do envio. Assim, o missionário não só assume o serviço de Jesus Cristo, mas assume também o próprio Jesus Cristo com sua missão, no serviço que vai desempenhar. A missão que alguém desempenha em nome de Jesus tem sempre o efeito na história, mas sua fonte é o Pai, e o destino final a eternidade.

O exemplo de Jesus

Em João Jesus insiste em se mostrar discípulo fiel do Pai. “[...] eu desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não perca nenhum daqueles que ele me deu, mas os ressuscite no último dia” (6,38-39). Fidelidade esta levada às últimas consequências na plenificação da vida que é a ressurreição.

Anteriormente Jesus já havia advertido para o propósito positivo de Deus Pai e sua fidelidade a ele. “Por mim nada posso fazer: eu julgo segundo o que ouço, e meu julgamento

é justo, porque não procuro a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (cf. 5,30). Na verdade, ele mesmo explica: “Deus não enviou o seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele” (cf. 3,17). Mais adiante ele insiste: “Se alguém ouvir minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo, pois não vim para julgar o mundo, mas para salvar o mundo” (cf. 12,47). Salvar o mundo é a vontade do Pai e, por isso mesmo, a missão de Jesus. Condenar não consta na missão do Filho, nem deve constar na nossa.

Glorificar o Pai

Segundo João, Jesus ainda insiste em outra vertente da missão, que é a glorificação do Pai. Assim, a salvação do mundo não é só um bem para o mundo, para as criaturas, mas também para o criador. Salvar o mundo é glorificar o Pai: “[...] quem procura a glória daquele que o enviou é verdadeiro e nele não há falsidade” (7,18). Quem, como Jesus, atua em favor do Pai, não busca ser reconhecido, elogiado e condecorado, mas procura levar os outros ao reconhecimento da bondade e misericórdia de Deus. Grande desafio para quem tudo faz em busca de reconhecimento, recompensa e glorificação pessoal.

Por isso João foca sua narrativa na realização da VONTADE DO PAI (5,30 e 6,38-40). A vontade do Pai é a missão de Jesus e ponto. “O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e levar a termo a sua obra” (4,34). E continua: “Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. Se alguém cumprir sua vontade, reconhecerá se minha doutrina é de Deus ou se falo por mim mesmo” (cf. 7,16-17). Ora, é impossível focar a missão na vontade do Pai sem estar em constante comunhão com ele. Aí reside o valor e a necessidade do cultivo da dimensão orante na vida do(a) discípulo(a) e missionário(a) de Jesus Cristo. O(a) missionário(a) não se sustenta sem este exercício de comunhão.

Permanecer

Outro importante destaque está no poder de envio. Os sinópticos insistem na “exousia” = poder, destacando a obras de resgate, tais como: expulsar espíritos impuros, curar doenças e enfermidades (Mt 10,1; Mc 3,15), mas João insiste no “menein” = permanecer e no “ágape” = amor oblato. Segundo João, o poder de evangelização está no testemunho de comunhão com Jesus e com os discípulos de Jesus. O principal argumento da evangelização é o amor gratuito praticado na convivência.

A palavra grega *ménein* é traduzida comumente por ficar, também por morar, mas a tradução mais exata é permanecer.⁵ Ela tem um significado muito importante no Evangelho segundo João.⁶ 67 das 79 vezes que ocorre no Segundo Testamento está nos escritos de São João. Permanecer é fazer algo que favoreça o estar juntos; estabelecer morada, conviver, partilhar, colocar-se em comum. Permanecer é a melhor expressão da vida em comunidade. Segundo João (15,1-17), só produz frutos quem permanece em Cristo. Segundo Mc 3,14, Jesus constituiu doze para que “permanecessem com ele e para enviá-los a pregar”. Em Lc 19,5 Jesus disse a Zaqueu que precisava “permanecer na casa dele”. Zaqueu o acolheu e mudou de vida (19,8). Em Emaús, primeiro Jesus se ofereceu para caminhar com eles, agora são eles que oferecem seu espaço, pedem a permanência de Jesus (24,31-35).

Permanecer, conviver com Jesus faz a diferença, é caminho de duas mãos. Ele quer permanecer, conviver conosco, mas também nós precisamos querer permanecer com ele. Este é um dom e um desafio. Assumindo o desafio, construímos e experimentamos o dom.

Permanecer como e para quê?

Neste sentido é paradigmática a alegoria da videira (Jo 15,1-17). Somente nesta perícopes a palavra “permanecer” aparece onze vezes.⁷ A VIDEIRA, que foi símbolo de Israel

(Sl 80,9; Is 5,1-7; Jr 2,21; Os 10,1), em João apresenta-se como o novo Povo de Deus. Insiste em mostrar como esta nova comunidade se relaciona com Deus no meio do mundo, o texto pode ser estendido até 16,33. A videira antiga, Israel, foi infiel e, por sua infidelidade persistente, destruída. Não foi Deus que a destruiu, foi a própria infidelidade que a implodiu. A nova videira é formada e cultivada em torno do Messias = Jesus Cristo. Ele é a videira verdadeira e nele prevalece a eternidade. Ele é a videira obediente ao Pai, que nele permanece e produzirá muito fruto.

Fruto era o que Javé esperava de Israel, mas só obteve alguns, e estes, intragáveis (Jr 2,21). Fruto é o que a nova comunidade precisa produzir (Jo 15,2-4.8.16). Ela poderá ser bem-sucedida se permanecer em Jesus, se deixar que Jesus a pode/cultive, se responder positivamente à escolha = chamado de Jesus, se permanecer no envio de Jesus. Isso acontece na via da doação, da vida alimentada no amor ágape (Jo 15,10-11). A glorificação do Pai acontece pela produção de frutos/obras. A primeira delas é o amor mútuo (15,8.12). Ela não somente precisa produzir frutos, mas produzir (muitos) frutos em abundância (15,2.4). Isso só acontece pela comunhão com Jesus (15,5) e pela aceitação da poda (15,2), feita pelo Pai, nos ramos que somos nós. Pelo Pai sim, porque Jesus, o Filho, não corta nem poda, pois não foi para isso que ele veio.

O ramo que não produz fruto é insensato/rebelde com a seiva que recebe, só consome, não multiplica, por isso será arrancado, mas aquele que produz fruto é limpo/podado. A poda é fator de limpeza das impurezas para favorecer ao máximo a missão, isto é, a abundância. A seiva/vitalidade da nossa vida depende absolutamente da comunhão com Jesus, assim como Jesus nos diz ter com o Pai. Isto evidencia que a fonte não somos nós, é Deus, e que nós somos chamados, na verdade, a exercer uma parceria.

Na alegoria da videira, a nova comunidade não se sustenta

criaturas depende do cultivo da verdadeira comunhão com o Criador. Esta não é apenas uma tarefa, é o jeito de viver o Reino de Deus. Se não conseguimos comungar entre nós é porque a nossa comunhão com Deus está falha.

A missão é produzir frutos em abundância (Jo 15,8)

Isso corresponde à vida em abundância (10,10). Assim como o Filho = Jesus corresponde ao Pai em sua missão, assim o(a) discípulo(a) corresponde, em sua missão, ao Filho Jesus. A alternativa ao mundo opressor, que se basta a si mesmo, é a sociedade do amor mútuo, expressão de vida e ambiente de liberdade, aberta para alcançar a humanidade inteira⁸ e, porque não, toda a criação.

Jesus realiza os mandamentos do Pai expressando seu amor para com ele. Os discípulos realizam os de Jesus, recebidos do Pai, expressando seu amor para com Jesus, permanecem assim, vinculados ao Pai.

Este novo modo de expor a relação entre o Pai, ele e os discípulos, tira toda a ambiguidade ao vínculo expresso antes sob a figura da videira. Ela se realiza mediante um amor que é resposta ao seu amor; “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos designei para irdes e produzirdes fruto, e para que o vosso fruto permaneça” (cf. Jo 15,16). Jesus exclui expressamente o amor e a adesão centrados na própria pessoa. Trata-se de uma amizade que chega ao ponto de dar a vida por seus amigos. E não só pelos amigos, mas por todos, e não por um momento apenas, mas para sempre (Jo 13,1.26; Mc 14,24) Os discípulos não são assalariados, contratados para realizar trabalho mediante recompensa, são amigos que aderem livremente à proposta de Jesus, compartilham de sua alegria, de sua intimidade e de sua própria missão.⁹

Uma agenda positiva

O evangelista João, mais que os outros, insiste numa agenda positiva de Jesus, por isso mais que dizer o que não lhe

8 Cf. MATEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulus, 1989. p. 627.

9 *Ibidem*, p. 636.

cabe, estabelece foco no que lhe cabe. “Eu vim para que as ovelhas tenham vida e a tenham em abundância” (cf. 10,10). Esta é das afirmações mais provocativas do Evangelho segundo João e de todas as narrativas, com consequências de grande importância para todos os cristãos.

Aos entendidos em Bíblia e messianismo, Jesus diz: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não caminha nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12). Mais adiante, próximo à sua páscoa, precisa retomar “Eu vim como a luz do mundo para que todo aquele que crer em mim não fique nas trevas” (cf. 12,46).

Em discussão com os fariseus sobre a cura de um cego de nascença, afirma: “Vim a este mundo para fazer uma discriminação: os que não veem vejam e os que veem tornem-se cegos” (cf. 9,39). Na hora da paixão, do sofrimento que o conduz à morte, Jesus diz: “[...] Pai, livra-me desta hora? Mas é exatamente para isso que vim para esta hora” (cf. 12,27).

Na hora do julgamento, diz: “Para isso eu nasci, para isso vim ao mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz” (cf. 18,37). Essa afirmação forte e incisiva confundiu o procurador romano Pôncio Pilatos no julgamento de Jesus. Pilatos está constituído em autoridade para fazer valer o direito e a justiça, mas, ironicamente, não sabe o que é a verdade (cf. Jo 18,38).

Para aqueles que veem Jesus como uma ameaça e rejeitam seus ensinamentos, ele diz: “E, se alguém escuta minhas palavras e não as guarda, não o julgo eu, porque não vim para julgar, mas para salvar o mundo” (cf. 12,47). Este assunto muito atual esclarece que Deus não é terrível. A condenação não vem dele, mas vem das atitudes que tomamos diante da palavra dele. Portanto, não é Deus nem Jesus que nos condena. Somos nós mesmos que nos condenamos. Que dizer, então, dos pretensos pastores que ficam acentuando a condenação mandando o povo para o inferno?

Está claro, portanto, que a missão de Jesus ultrapassa todos os limites das expectativas e quebra todas as estruturas

montadas pelos entendidos. Para dar vida em abundância ele leva a Lei ao pleno cumprimento. Amor oblativo é a sua lei. Inverte a ordem de importância da organização social. Torna nulo todo o sistema judiciário religioso dos méritos e dívidas. Dá primazia à busca dos marginalizados e excluídos da sociedade do tempo. É particularmente nesse ponto que o comportamento de Jesus se torna muito diferente daquilo que os líderes religiosos e políticos esperavam.

O Evangelho dos verbos: Crer e Amar, Testemunhar

Duas atitudes, segundo João, são fundamentais para o cristão. Nenhum escritor do Segundo Testamento insiste tanto nelas quanto ele. João fala do amor como substantivo apenas sete vezes no seu Evangelho, mas fala 21 vezes em suas cartas, onde diz que: “Deus é amor e quem permanece no Amor permanece em Deus e Deus nele” (cf. 1Jo 4,16). Ele fala pouco do amor, mas não para de insistir na necessidade de amar. Quase a metade das vezes que esse verbo aparece no Segundo Testamento está em João (67 das 141 vezes).

Outra grande exigência é a atitude de fé. É muito interessante notar que ele nunca fala de fé, como substantivo, em seu Evangelho e em todas as suas cartas só fala uma vez (1Jo 5,4). Mas é exatamente ele que mais usa o verbo crer (107 das 214 vezes que ele ocorre no Segundo Testamento).

Isso mostra que, para João, o que interessa mesmo é a ação e não as coisas ou interessam as coisas em ação, isto é, dinamizadas. Por exemplo: para João, não interessa a fé em si. O que interessa é a prática da fé. Interessa a fé manifestada em obras na vida da pessoa e da comunidade. Para João, também, pouco interessa o amor no passivo, o importante para ele é amar, manifestar o amor em gestos concretos na vida.

Amar e crer, crer e amar caracteriza o “testemunho”. A palavra testemunho ocorre em João trinta das 37 vezes que aparece no Segundo Testamento (mais de 80% em João). Enquanto o verbo testemunhar ocorre em João 47 das 76 vezes que aparece no Segundo Testamento (mais de 60%).

Ele abre o Evangelho colocando João Batista com a missão de testemunhar a luz (Jo 1,7-8.15.19.34), continua colocando Jesus como Testemunha do Pai (3,11) e do Reino (18,25). As obras de Jesus testemunham que o Pai está com ele (3,13-18; 10,25). Mas Jesus também testemunha contra o mundo (7,7). O que interessa à comunidade joanina é agir como Jesus Cristo, comprometer-se com a causa dele e não só saber o que ele ensinou e falar disso aos outros. O escritor, apóstolo, é testemunha do que escreve (21,24-25). Assim também na Primeira Carta (1Jo 1,1-4) e no Apocalipse (Ap 1,1-2).¹⁰ Discípulos(as) e missionários(as) de Jesus precisam ser testemunhas. Evangelizar para a comunidade joanina é, acima de tudo, testemunhar.

A Fraternidade: resultado do amor ágape

“Eu vos dou um mandamento novo: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também vós uns aos outros. Nisto conhecerão que sois meus discípulos: no amor que tiverdes uns pelos outros” (cf. Jo 13,34-35; cf.15,12.17; 1Jo 3,11.23; 4,20-21). Em João o verdadeiro amor se revela na convivência, na partilha e no serviço comunitário. Esta é a fonte inspiradora e nutridora da comunidade, daí se origina o testemunho que precisa ser oferecido.

A vinda de Jesus prova que o Pai ama apaixonadamente o mundo que criou (Jo 3,16.35; 13,1 e 14,3). Jesus é fiel a este amor até as últimas consequências. Assim como o amor do Pai pela humanidade passa por Jesus, também o amor da humanidade para com o Pai passa por Jesus (8,24; 10,17; 14,21.23; 15,9-10). Para que isso fique bem claro, diz: “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama o irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,20). Para a comunidade joanina, a fidelidade à obra de Jesus passa pelo “Ami-vos uns aos outros como eu vos amei” (cf. Jo 13,34-35). Ou o amor é algo bem concreto, palpável, ou não existe. O comportamento de Jesus revela isso. Alias, é necessário acentuar na declaração de Jesus que é um “novo mandamento”

¹⁰ Para aprofundar o assunto, veja testemunhar: Jo 1,7.8.15.32.34; 2,25; 3,11.26.28.32; 4,39.44; 5,31-33.36-37.39; 7,7; 8,13.14.18; 10,25; 12,17; 13,21; 15,26-27; 18,23.37; 19,35; 21,24; 1Jo 1,2; 4,14; 5,6-7.9-10; 3Jo 3.6.12; Ap 1,2; 22,16.18.20.

(Jo 13,34). Então, qual é o velho? O velho é “Ame o próximo como a ti mesmo” (cf. Mc 12,31). O novo muda o referencial, não é mais o meu amor por mim, mas o amor de Jesus por mim que conta, que ilumina minhas ações. Até hoje continuamos uns discípulos agarrados ou perdidos no mandamento velho e queremos nos beneficiar do novo. Assim não dá, não vai, não decola. Só um ser humano é referencial do amor puro de Deus: Jesus de Nazaré e ninguém mais.

A comunidade cristã (Igreja) é a que se engaja na dinâmica do amor divino vivido, testemunhado, por Jesus (Jo 13,34; 15,12.17; 17,22-26). A Igreja é, portanto, uma comunidade na qual todos os membros vivem uma relação de amor que se revela na partilha de bens e de dons, no servir uns aos outros. O discípulo amado é exemplo (13,23; 19,26; 20,2; 21,7.20). Este amor se expressa muito concretamente na atitude de Jesus para com Marta, Lázaro e Maria (11,3.5). Ele exige esse modo de vida dos discípulos (14,15.28) e particularmente de Pedro (21,15-17). Vê-se, aí, que a liderança é exercida no amor e por amor. O mandamento do amor desafia profundamente a organização, as estruturas e a vida de nossas comunidades de consagrados e consagradas e nossas Igrejas.

O Espírito Santo, Paráclito

Outro importante destaque no discipulado e na missão, segundo João, é a presença do Espírito como Paráclito: advogado, consolador. O termo é exclusivo de João (14,16.26; 15,26; 16,7 e 1Jo 2,1). Quem é Paráclito segundo João? É o próprio Espírito Santo como presença pessoal de Jesus entre os cristãos, enquanto Jesus está com o Pai. O Pai concede o Paráclito a pedido de Jesus (Jo 14,16), mas o Pai dá o Espírito Santo aos que lho pedem (1Jo 3,24; 4,13).

Algumas funções básicas do Espírito Santo, como a regeneração batismal, a nova criação e o perdão dos pecados (3,5 e 20,22-23) nunca são atribuídas ao Paráclito. Na realidade, destacando apenas certos aspectos da obra do Espírito Santo e

colocando-os no contexto do discurso da despedida de Jesus, o autor do Evangelho concebeu o Espírito em modo muito singular, tão específico que lhe deu o título de “Paráclito”. Salientamos que, em todas as passagens onde se fala do Paráclito, há uma verdadeira identificação com Espírito Santo.

Os textos específicos que em João dão ao Espírito o nome de Paráclito são os que revelam semelhança entre a ação do Espírito e a de Jesus. Virtualmente, tudo o que se diz do Paráclito, foi dito de Jesus.¹¹

- 1ª) A vinda do Paráclito é como a vinda de Jesus (4,43; 18,37). O Paráclito procede do Pai como Jesus. O Pai dará, mandará o Paráclito (14,16.26; 3,16-17). O Paráclito vem em nome de Jesus, como Jesus veio em nome do Pai (15,26; 16,5-14; 5,43).
- 2ª) O Pai vos dará outro Paráclito (14,16). O primeiro Paráclito é Jesus, em seu ministério terreno. Se o Paráclito é o Espírito da verdade, Jesus é a verdade (14,16.16-17). Se Paráclito é o Espírito Santo, Jesus é o Santo de Deus (6,69).
- 3ª) Os discípulos têm o privilégio de conhecê-lo, como tiveram o privilégio de conhecer e reconhecer Jesus (14,7-9.17). O Paráclito permanece com os discípulos como Jesus (14,20-23; 15,4-5; 17,23.26). Ensina os discípulos como Jesus (6,59; 7,14.18; 8,20; 14,26; 15,26). Declara aos discípulos as coisas futuras, como Jesus, que, sendo o Messias, anuncia todas as coisas (4,25-26; 16,15).

Em João fica evidente que todo o testemunho e o ensino do Paráclito diz respeito a Jesus, de modo que o Paráclito glorifica Jesus (16,13-14), o mesmo que Jesus faz a respeito do Pai (8,28; 12,27-28; 14,13; 17,4).

Por que João fala do Espírito assim?

Primeiro, por causa da confusão causada pela morte das testemunhas oculares (apóstolos), que eram a corrente viva entre a Igreja e Jesus de Nazaré. O quarto Evangelho quer demonstrar a real ligação entre a vida da Igreja ao final do

11 Cf. BROWN, R. E. *Giovanni*. Assisi: Citadella Editrice, 1979. p. 1495-1499.

primeiro século e o já remoto, Jesus de Nazaré. O Paráclito resolve esse problema, guia todas as gerações a enfrentar novas e futuras situações (16,13). Segundo, por causa da angústia provocada pela demora da segunda vinda. João mostra que muitos dos sinais associados à segunda vinda já estão presentes na vida cristã. De modo muito real, Jesus voltou durante a vida de seus discípulos. Veio pelo Paráclito. O Paráclito desfaz os mitos de muitos motivos básicos da apocalíptica, inclusive o juízo do mundo (16,11). O cristão não precisa viver com os olhos constantemente voltados para o céu esperando que venha o Filho do Homem, porque ele (Paráclito = Jesus) já está presente em todos os crentes.

Jesus usa o conceito “Paráclito” para justificar a audácia de sua proclamação. Se há, no quarto Evangelho, concepções que vão além do ministério de Jesus, ele já havia predito e enviado o Paráclito, o Espírito da Verdade, para guiar as comunidades precisamente nessa direção. Por sua vez, o Paráclito não apresenta nada de novo, simplesmente interpreta, esclarece o que procede de Jesus (16,13-15; 14,26).

O envio em João

Como nos sinóticos, também em João Jesus ressuscitado envia, mas este envio é feito de modo diferente. Estando eles reunidos (no cenáculo) de portas fechadas, por medo dos judeus, Jesus entrou, colocou-se no meio deles e disse: “A paz esteja convosco!”. Mostrou-lhes as mãos e o lado, em seguida repetiu: “A paz esteja convosco!”. “Como o Pai me enviou, também eu vos envio”. Depois dessas palavras soprou sobre eles e disse: “Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados: àqueles a quem retiverdes, serão retidos” (cf. Jo 20,19-22).

Aqui é Jesus que vai ao encontro deles em Jerusalém, nada de Galileia. Insiste no dom e no exercício da paz “entre eles”. A primeira saudação tem a ver com o discipulado: paz na relação com Jesus. A segunda tem a ver com o apostolado: paz com os destinatários da missão de Jesus. O que liga as duas saudações é o “convosco”. Tanto para o discipulado

quanto para o apostolado, é fundamental a harmonia, o entendimento e a mútua confiança na comunidade. O augúrio de paz corresponde à missão de reconciliar que vão receber no final desse encontro. Para reconciliar os outros, é necessário cultivar o espírito de paz.

Ele envia os discípulos da mesma forma que foi enviado pelo Pai, na mesma missão. Assim ele passa aos discípulos aquilo que ele mesmo recebeu. A missão deles tem origem no Pai, como a de Jesus. Eles são inseridos na missão de Jesus para dar-lhes continuidade. O dado mais especial é que Jesus lhes dá o Espírito Santo imediatamente. Diferente de Lucas, a promessa é realizada imediatamente após a ressurreição.

O destaque da missão é o perdão dos pecados, que, em Mateus, está ligado a Pedro (Mt 16,19) e à Igreja (Mt 18,15-18). A missão, portanto, em João, tem foco na reconciliação. Isto evidencia a centralidade das relações em vista de uma convivência harmoniosa de irmãos, filhos do mesmo Pai, adotados por Jesus. Não há como reconciliar-se e reconciliar sem cultivar a paz.

O pastoreio centrado no amor ágape

Por fim, depois do desjejum (café da manhã) à beira-mar, na Galileia, preparado por Jesus, Pedro é questionado no ponto sem o qual não poderá liderar. “Tu me amas mais do que estes?” (Jo 21,15). Pedro, sempre pronto a responder, não reflete sobre o sentido da palavra e por isso mesmo não responde o que lhe foi perguntado e sim o que acha que deve responder. Jesus lhe pergunta sobre o amor decidido, de entrega gratuita total = ágape, e Pedro responde sobre o amor afetivo de reciprocidade, isto é, de amizade = *lia*.

Sem amar a Jesus com o amor de Jesus, mais do que outros, o amor aos outros não se sustenta nem persevera, pois a fonte do amor é o Pai, e a ligação com o Pai é Jesus. Sem amar como Jesus, o zelo de pastor não prevalece, e a entrega pelos necessitados fica muito fragilizada, ligada a conveniências.

Tem mais um detalhe: a liderança no pastoreio precisa ser exercida sem busca alguma de compensação. Eis a razão de Jesus dizer a Pedro: “Em verdade, em verdade te digo: quando eras jovem tu te cingias e andavas por onde querias; quando fores velho, estenderás as mãos e outro cingirá e te conduzirá para onde não queres” (cf. 21,18). Depois de dar tudo de si é necessário dar a si mesmo, despojadamente, de modo a se deixar serenamente conduzir por outros. Essa orientação é de crescente importância para uma VRC cada vez mais envelhecida, cada vez mais necessitada de ajuda. A acolhida da ajuda sem murmuração é fundamental para uma vida serena até o fim.

Certa ocasião, visitei uma irmã idosa e doente que estava sobre uma cama havia já mais de ano. Ela me disse: “Me dei toda a Jesus e veja como ele me deixou aqui”. Essa sensação de não correspondência dói mais que a própria doença e a idade avançada. Por isso Jesus convoca Pedro, e nele a todos(as) nós ao amor sem medida.

Concluindo

Convém acentuar importante destaque da expressão missionária que temos em João 20,21: “A paz esteja convosco. Como o Pai me enviou (*apostellein*) também eu vos envio (*pempein*)”. No envio de Jesus pelo Pai acentua-se a obra que Jesus deve realizar. Mas no envio dos discípulos, por Jesus, acentua-se a relação que estes precisam cultivar com Jesus e, conseqüentemente, entre eles mesmos e com aqueles para os quais foram enviados. É assim que João fecha sua narrativa.

Deus não nos envia para fazer sucesso, mas para viver a justiça na caridade. Fazer sucesso não é garantia de fidelidade, mas o sucesso verdadeiro é ser fiel ao Senhor e à sua missão custe o que custar. A fidelidade vivida na gratuidade é a marca da novidade.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Olhe para a proposta de discipulado em João, compare com a sua experiência e a de sua Congregação, tire conclusões práticas.
2. Veja como a missão segundo o Evangelho de João pode ser atuada na sua realidade hoje.
3. O que há em comum entre o discipulado e a missão em São João e a VRC?

Arte de envelhecer feliz na Vida Consagrada

FR. CARLOS JOSAPHAT, OP

No centro da mensagem do Evangelho e de toda espiritualidade que ele suscita e anima resplandece a beleza transformadora do Amor infinito e universal. Ele vem despertar no íntimo dos corações e no desenrolar da história da Igreja e do mundo o sonho e o anseio de buscar a perfeição, a plenitude de toda a vida humana, sob a energia suave e transformadora da graça. Essa força criativa e reparadora do amor divino se manifesta de maneira eminente na consagração e no dom de si, estendendo-se à duração e à diversidade das idades e etapas da existência, que podem formar o tecido de uma longa existência.

A arte de envelhecer feliz na Vida Consagrada é uma das mais belas e discretas finezas da graça. Ela assume e eleva a natureza, mostrando-se semente de eternidade, fecundando os recursos e as fragilidades do tempo em uma vida humana que apostou totalmente no Amor.

Enfrentar a idolatria e o comércio da aparência

Semelhante mensagem da espiritualidade evangélica tem que começar por enfrentar a mentalidade contrária, tão generalizada que passa por natural. Certa tendência, ampla, senão dominante hoje, faz da experiência o critério da autenticidade e felicidade da vida. Exalta, curte e cultiva o amor, mas como uma aventura segmentada, maravilhosa, enquanto dura sua derradeira etapa. Pois seduz e encanta qual momento de pleno êxito, em meio aos altos e baixos das paixões e aos ritmos caprichosos dos prazeres.

A persistência do amor é tida como o prêmio passageiro do vigor e da aparência de um organismo e de um psiquismo, sujeitos e estimulados à mudança afetiva. Esta é a normalidade, a lei comum em um mundo dom-juanesco, que enaltece a conquista e a concorrência, nas relações amorosas, no estilo do que se passa nos sistemas econômicos.

De maneira mais ou menos consciente, a Vida Consagrada se defronta com o bulício dessa pós-Modernidade que joga as aventuras afetivas, sexuais, tanto mais cotadas quanto mais se oferecem, se compram e vendem no mercado da sensualidade tecnológica. Elas se fragmentam e se multiplicam para dar lucro, no tempo profícuo da juventude, que é proveitoso prolongar. Então, o sonho e mesmo a luta se concentram em descartar, à força de maquiagem e cirurgia, a desditosa velhice, malquista qual importuna sacanagem da natureza.

Enfrentando esse desafio, ostensivo, agressivo ou jeitosamente disfarçado, a Vida Consagrada há de realizar hoje de modo original a sentença radical do Mestre divino: “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24). Pois no extremo do mercantilismo moderno o que está em jogo e se expõe à venda é a própria vida, envolvida numa fantasia de amar ou até de fazer de conta que se ama. Os “famosos” e mais ainda as “famosas” vendem a vida aos pedaços, apressando-se e mesmo se angustiando em colocar seu corpo no mercado enquanto podem ter a chance de um preço compensador.

O envelhecer à luz da dignidade humana e evangélica da pessoa

Em meio a esse contexto, que a mídia generaliza, e em contraste com a desvalorização da vida e da pessoa, a consagração religiosa emerge reconhecendo e professando a dignidade humana, enaltecendo-a acima de todo preço, estimando-a em todas as suas idades e etapas. Ela acolhe e compreende em toda sua verdade a mensagem do Apóstolo: “[...] tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de

Deus” (1Cor 3,23). Os coríntios, destinatários dessa sentença luminosa, viviam em uma cidade famosa pela busca requintada dos prazeres da gula e do sexo.

Paulo exalta, então, o ideal evangélico da verdadeira felicidade, da qualidade de vida que se enraíza primeiro no verdadeiro amor, optando por uma santidade que faz da existência um tecido de liberdade e de dom de si. Nessa visão integral do existir, as etapas da vida ganham sentido e coerência, harmonizando-se quais obras-primas do Artista divino. Das grandezas, dos recursos, mas também das fragilidades da natureza, a graça faz surgir a nova criação do amor, que assume e enaltece todo o humano, ainda o mais fraco e humilde.

Ao refletir sobre a complexidade, as condições reais e as idades diferentes, mas conexas, da criatura humana, os olhos da inteligência e do coração se encantam com as amáveis surpresas de Deus. Os artistas, que se pense nos poetas e pintores, se sentem criadores ao toque das belezas das coisas, dos jogos suaves das cores, das luzes, nas miudezas fascinantes dos lírios e dos pássaros ou na imensidão das montanhas e dos céus. A teologia da beleza, na Igreja que o Concílio redescobre e nos ajuda a redescobrir em seu esplendor evangélico, desperta uma espiritualidade fascinada pela beleza de Deus, Amor universal, Criador e Santificador da humanidade, tão sublime em seus valores, mas sempre tão digna de estima em suas fragilidades.

O Evangelho se abre anunciando a linda aurora de um mundo novo, da humanidade que crê e aposta nas bem-aventuranças. É a santidade que se identifica com a felicidade, a alegria e beleza de viver o amor, que estima as aparências sem as idolatrar como bem absoluto. A revelação divina vai tão longe que convida a contemplar e admirar a Infinita Beleza do Amor de Deus no corpo inerte e desfigurado de seu Filho na Cruz.

Teologia e espiritualidade em ação

À luz e na perspectiva dessa teologia e dessa espiritualidade da beleza surge e toma todo o seu sentido a Vida

Consagrada. Ela assume a graça do batismo e o Dom do Espírito, com que Deus unge seu povo, agraciando-o com as prerrogativas de sacerdotes, reis e profetas; é o que professamos na linguagem religiosa da Escritura. De maneira mais discreta, mas muito estimulante, essa Palavra divina criadora e santificadora se mostra ativa no dia a dia, nas gerações sucessivas através da história e nas etapas da vida de cada um dos fiéis. Eles surgem, então, como outros tantos jardins cultivados pela graça, ativando e elevando a liberdade. O Profeta se compraz em descrever o ser e a condição da criatura humana qual argila feliz e toda dócil nas mãos carinhosas do Artista criador (Jr 18,4-6). A Vida Religiosa é a radicalização dessa primeira consagração, assumida e confirmada pelo inteiro dom da vida, em todas as suas idades, com seus recursos criativos e suas fragilidades. Estas estão longe de contrariar o projeto evangélico. Suscitando a humildade, melhor asseguram a entrega sem reserva à força do Amor todo misericordioso.

O envelhecer na Vida Consagrada emerge qual etapa singular da atividade e da fecundidade da graça divina, modelando carinhosamente a argila mais ou menos maleável de nossa liberdade, de nossa capacidade de amar. Acolhida na humilde ação de graças, a série dos anos vividos ajuda a se deixar transformar pelo amor e a tornar as pessoas consagradas instrumentos despreziosos do Amor, que vem do Alto e as envolve mais e mais em suas redes cotidianas de fraternidade.

O amar com todo nosso ser e com toda a nossa inteligência começa pela estima, pela aceitação de nossa condição de estar sendo modelados à imagem de Cristo pela suave energia do Espírito de Amor. O que significa e exige discernir as etapas de nossa vida, sobretudo o dinamismo, os ritmos, os altos e mais ainda os baixos de nosso envelhecer pessoal, em correlação com as fases vividas pela comunidade, pela Igreja e pela sociedade.

Pois todo o humano tem suas etapas, distintas e conexas, de um desenvolvimento na corrente dos tempos.

Discernir os “sinais dos tempos” na própria vida e na história

Bem se poderia falar da arte, mas também da sabedoria, do dom e do discernimento que transformam em incansável história de amor a existência consagrada se desdobrando no tempo. Entenda-se no tempo ou nos tempos de nosso próprio ser, assim como da Igreja, do mundo e de nossa comunidade. O envelhecer dessa Vida Consagrada manifesta e coroa as diversas formas e aventuras da sabedoria criativa da comunidade e de seus membros, empenhados em harmonizar os dons recebidos, em superar desafios e provações. Na diversidade das etapas, à luz do Evangelho, o tempo resplandece, então, qual tecido da graça, da felicidade de ser amado e de se dar em uma permanente comunhão do que há de melhor: do querer bem às pessoas e do querer o bem para as pessoas.

Atualizando para os nossos dias a expressão evangélica dos “sinais dos tempos”, na encíclica *Pacem in Terris* (1963), São João XXIII nos convidava a livrar-nos da frieza do calendário desfolhando dias, meses e anos. Esse santo, tão irmão nosso, despertava os fiéis de hoje, como Jesus fazia com seus ouvintes, incitando-os a ver e acolher o tempo como precioso e variado tecido de graças. No Evangelho (Mt 16,1-5 e paralelos), os “sinais dos tempos” indicavam a presença da Face velada, mas amorosa, do Pai, nos amando em seu Filho, que uniu e consagrou nosso tempo em sua Eternidade. Na encíclica citada, João XXIII convida a discernir o progresso dos “sinais dos tempos”, na marcha da história, permitindo a opção também mais ampla e profunda da justiça e do amor, engendrando e inserindo a paz no tecido da história pessoal, familiar, cultural e social. É o que corresponde às quatro séries de textos da encíclica: n. 40-45; 75-79; 126-129; 142-145.

O tempo da vida se revela assim qual tecido de dons divinos para todas as criaturas. Mas para suas filhas e seus filhos Deus multiplica e introduz no tempo as marcas, os “sinais” de sua presença de amor. Recomendações frequentes no

decurso da Bíblia traduzem esse empenho de Deus: “não se esqueçam, cuidado com o olvido, lembrem-se, comemorem, façam memória de mim”. Semelhante insistência, carinhosamente repetitiva, baliza as exortações do *Deuteronomio*, essa espécie de reedição afetiva da Lei, concentrada no preceito do amor universal e perfeito. A plenitude desse preceito e desse dom resplandece no Evangelho de João, que mostra a vida, a morte, a ressurreição de Jesus como uma história de amor, e mesmo do Amor infinito e generoso do Pai que tudo nos dá, dando-nos seu Filho.

O fazer memória dos dons e, sobretudo, do Dom divino, é o lado íntimo e fecundo do tempo, fazendo reviver e frutificar, hoje, as finezas e graças com que Deus enriqueceu nosso passado, sempre presente na sua divina e amorosa Eternidade. De uma pessoa a gente comemora às vezes com tristeza: “Ele (ela) me esqueceu”. É como dizer: “Eu não existo mais para ela (ele)”. A felicidade de nossa vida está em superar a morte do esquecimento, mantendo-nos vivos e presentes na memória do Amor eterno e na comunidade que ele anima, e que vive comemorando o Amor.

A evocação dessa mensagem evangélica é a primeira luz que manifesta a verdade profunda e o sentido autêntico da bem-aventurança que abraçamos na Vida Religiosa Consagrada. Esta pode e deve culminar na felicidade de nela perseverar e envelhecer, distendendo uma história progressiva de amor, assumindo e elevando a realidade humana e a transcendência divina do tempo, tornado sementeira fecunda da Eternidade.

Encarar o envelhecer

Portanto, para além da ideia abstrata do tempo do calendário e dos aniversários, é da maior importância verificar que o tempo real penetra a vida dos seres humanos, neles inserindo etapas e condições de existir, a serem enfrentadas e, sobretudo, assumidas como inevitáveis desafios para o bem viver e conviver. A autenticidade da Vida Consagrada começa por essa atitude de verdade, de sabedoria humana

bem simples, de conhecimento e de atitude responsável de nos olharmos no espelho espiritual e evangélico, discernindo como vamos sendo e devemos ser. Pois nosso ser global de corpo e alma, rico em potencialidades, se desdobra como uma história íntima, que se tece na liberdade e no amor. Haja coragem e até uma ponta de humor para aceitar e sondar a realidade experimental de nossas capacidades, falhas e fragilidades, testemunhadas em nosso atual jeito de pensar, de andar, de trabalhar ou de ser ajudados nas condições que vamos vivendo aqui e agora.

Ao entardecer da idade madura, a sabedoria está em encarar de frente a realidade, buscando discernir o sentido do envelhecer em que culminam o viver e o conviver em cada ser humano. A vida, em sua pujança, sobretudo em seu crescimento, em sua juventude, resplandece qual comunhão íntima de elementos, gozando, cada um, de certa especificidade, mas tendendo todos a se articular em bom intercâmbio e perfeita harmonia. Esses elementos são mantidos em sua força, em seu vaivém de contínuas e mútuas influências, e até mesmo na capacidade de reparar, se não de prevenir desgastes ou distorções. Em si, a vida é, portanto, comunhão, fluidez, amadurecimento harmonioso, mútua influência e intercâmbio íntimo, tocando e coordenando o próprio ser em suas diferentes partes, instâncias ou etapas de realização.

O envelhecer sucede ao pleno amadurecimento do ser vivo, especialmente do ser humano, estorvando-o e até travando-lhe a marcha ou perturbando sua imensa complexidade psicossomática. O processo de mudança se mostra penoso e mesmo doloroso no fenômeno geral que se denomina a esclerose, a diminuição da fluidez normal, que caracteriza o dinamismo de cada domínio ou função da vida. Tendem a se enrijecer os elementos ósseos, motores, circulatórios do sangue, da linfa, inibindo o intercâmbio, o mútuo influxo das células, sobretudo cerebrais. Daí resulta um processo mais ou menos acelerado de perda da atividade e da boa articulação do conjunto dos elementos, de quase todos os sistemas e de algumas etapas da vida. As atividades

motoras, sobretudo do andar, de bem medir os gestos, de manejar objetos e bem nortear sua utilização, todos esses desacertos culminam na diminuição ou na perda gradativa da vida mental, a começar pela memória.

Essa evocação sumária, em termos comuns, do processo de envelhecer, destacando o seu lado negativo, visa pôr em relevo a necessária busca da verdade sobre a realidade de nosso ser humano. Essa coragem da verdade é a base de toda ética e de toda espiritualidade autêntica. Não se pode recusar ou estranhar ser mais ou menos fragilizado pelos anos. Aceitar-se com lucidez e tranquilidade é o bom começo indispensável para entrar e morar na felicidade de envelhecer, jogando com as luzes mais escassas da razão e vivendo a sabedoria do Evangelho.

Bem envelhecer, permanecer no amor

Na história íntima de cada pessoa e na grande história da humanidade, a atitude serena e positiva diante do envelhecer se mostra relevante e mesmo decisiva para o êxito e a qualidade da existência individual, familiar e social. Desde milênios a humanidade conheceu o sistema do predomínio e da dominação dos anciãos, sob formas mais ou menos pesadas da chamada gerontocracia. Sua presença perdurou – e ainda perdura – à frente da família, da sociedade, da religião. Ela vem bem testemunhada em todas as etapas da história bíblica, perpetuando-se, em parte, mais ou menos atenuada no Povo de Deus. É criticada em escritos bíblicos, proféticos e sapienciais, tais como o Livro de *Daniel*, os quais exerceram influência no Novo Testamento. Cristo não se cansa de vergastar os abusos e as distorções da gerontocracia religiosa, aliada à política em seu tempo e em seu povo. Ele morrerá vítima dos ressentimentos e dos ódios da velha casta dominante.

Sua nova Igreja acolhe os “anciãos”, dando-lhes lugar de relevo e procurando valorizar suas qualidades de experiência e contando com seu rejuvenescimento graças aos carismas do Espírito e à caridade evangélica. A hierarquia eclesial

teve que lutar para não se tornar uma gerontocracia. Bem ao contrário, empenhou-se em juntar as contribuições dos “presbíteros” mais maduros, o vigor, a audácia dos mais jovens, esperando que da presença de todas as idades resulte a comunhão dos ministérios na orientação espiritual, evangélica da Igreja.

O Vaticano II, causando alguma surpresa, levantou o grande problema da plena e total renovação da Igreja e da Vida Religiosa, propondo e exigindo a atitude de opção radical e integral de um novo paradigma de Igreja e de Vida Consagrada, em que predominem a comunhão, o diálogo, a iniciativa e a docilidade dos fiéis sob a autoridade-serviço dos Pastores. E que não falte a toda a Igreja o discernimento dos “sinais dos tempos”. Tal é a inspiração de toda reflexão autêntica neste “tempo eclesial” dentro do “tempo cultural” de hoje. Em síntese, há de prevalecer o empenho de uma compreensão integral, discernindo as qualidades, os riscos e limites das idades, das etapas da vida pessoal, da marcha histórica da Igreja e da sociedade.

Sintetizando ainda mais a reflexão, pode-se partir do contraste que surge: da provação que vem do tempo, mais ainda do envelhecer, em confronto com o valor crítico e criativo daquele “permanecer no amor”, que é a norma suprema do Evangelho, já, em parte, pressentida pela sabedoria de uma consciência reta. As idades, especialmente o envelhecer, comportam a ameaça de mudanças, externas ou íntimas à existência, as quais podem dificultar a harmonia e frear a dinâmica da vida espiritual e apostólica. Semelhante ameaça contrasta com a primeira característica do amor no Evangelho: permanecer. Esta palavra é uma das características do quarto Evangelho, que sintetiza, no capítulo 15, sua mensagem de amor. O que facilita o confronto dessa mensagem com o amplo e sinuoso tema das mudanças, coibitivas ou perturbadoras, do envelhecer.

Permanecer não implica qualquer imobilidade ou inércia. O amor permanece suscitando ou mesmo criando atitudes novas em que o bem querer se afirma no bem fazer e bem servir e cuidar. Daí a norma imanente ao amor: permaneci

na criatividade da benevolência animando a beneficência. Sobretudo no Quarto Evangelho, condensação da mensagem e da vida de Cristo no coração e na constituição da Igreja, permanecer ressoa como a palavra fundadora, como fio condutor ligando o Pai ao Filho, ligando o Filho eterno aos filhos adotivos de Deus Amor. A simples junção dos suaves e firmes imperativos que daí resultam forma um ramalhete de todos os dons e de toda beleza da verdadeira vida, proclamada por Jesus: Permanecei no amor, permaneci em mim como eu permaneço em vós, permaneci em minha Palavra, em meu Mandamento, permaneci na unidade de uma comunhão de amor, vindo do Pai e a Ele voltando pelo Filho e no Espírito.

À luz primordial do Evangelho, na perspectiva da primeira e constante conversão que ele oferece, como a primeira graça e primeira exigência, emerge e resplandece uma novidade, uma vida nova, uma nova criatura, um novo ser humano. Essa nova criação contrasta com a velhice do ser humano, quando ele cede à tendência de fechar-se em si mesmo, nas diferentes formas da vida individual ou corporativa, quando dominadas pelo desamor. Ocorre, então, a triste fragmentação do amor. A capacidade de querer bem e de dar-se, de acolher, de servir se pulveriza em miúdos apegos passageiros a prazeres, ambições, interesses consigo mesmo e com as lembranças de um passado enclausurado no amor próprio. Não permanecendo no amor, mesmo que fosse em suas formas menos ativas, a velhice se torna terrível decadência. Horrorizado com semelhante miséria difundida na Igreja e no mundo, G. Bernanos costumava dizer: “Essa velhice é uma invenção do demônio”.

A Vida Religiosa, pela sua consagração total aos valores e ao Deus do Evangelho, vem a ser uma aposta total, definitiva na “esperança que não decepciona”, fundada “no Amor difundido no íntimo de nossos corações pelo Espírito que nos foi dado” (cf. Rm 5,5).

Não sendo um simples sentimento, mas apego da inteligência à verdade, um permanecer na verdade da promessa que impele a buscar a verdade do bem a realizar, essa

esperança enfrenta o supremo desafio no envelhecer biopsíquico das pessoas consagradas. Suas capacidades e disposições para a ação, para a militância, para marchar e para liderar, passam, em uma diminuição mais ou menos acentuada ou veloz. Tudo está em que não passe a capacidade de amar, a felicidade de permanecer no amor, mesmo se as palavras, os passos, os gestos se atenuam ou apenas se deixem adivinhar no silêncio e na quietude do querer bem.

Seria oportuno evocar a sentença de São João da Cruz: “Um só ato de *puro amor* (no coração) vale mais diante de Deus e para a Igreja do que todas as atividades mescladas de interesses particulares”. Essa máxima se encontra algumas vezes no grande Doutor da espiritualidade evangélica. Ela vem elucidada com muito empenho e carinho no comentário à estrofe 29 do *Cântico Espiritual B*. No prolongamento dessa maravilhosa doutrina, bem se poderia dizer: a fecundidade apostólica não corre risco com precariedade ou a falta de palavras e de ações acarretada pelo envelhecer. O risco é que o apóstolo envelheça e lhe falte “o puro amor”, a total união com Deus Amor, donde vem a verdadeira fecundidade da pregação e da ação evangelizadora. A felicidade de envelhecer está antes de tudo no permanecer e crescer no Amor.

Tempos da própria vida, tempos da comunidade

Para manter contato com a realidade, convém falar dos tempos mais do que do tempo. Buscamos considerar o envelhecer no próprio sujeito que ele atinge, como tempo interiorizado, com os elementos que o constituem e os efeitos que produz na própria pessoa e na comunidade, na Igreja e na sociedade.

Primeiro, aí está a pessoa consagrada, alma e corpo, habitada pelo Espírito, vivendo e reavivando sempre a consciência amorosa dessa presença, suave, mas exigente. Essa presença rejuvenesce a pessoa no seu íntimo. A conjunção desse contraste, da fragilidade crescente do envelhecer e da força suave, discreta do Espírito que habita a pessoa consagrada,

eis o que constitui o supremo desafio. A infelicidade, a tristeza do “não mais” atuar, de menos fazer, de menos comunicar ou se afirmar pela aparência vai rondando a pessoa consagrada que envelhece no corpo e na mente. Que prevalecerá? Vai dominar o peso, a inércia, o apagar-se da velhice biopsíquica? Ou, na fraqueza do corpo desgastado, mas na energia da esperança que não decepciona, triunfará a felicidade de um envelhecer na alegria da Cruz e do Espírito que já “habita o nosso corpo mortal”?

Experiência da “noite escura e ditosa”

Por vezes, a vida ilustra com episódios bem simples esse emaranhado de problemas humanos e de desígnios divinos. Segurando as mãos frias de uma Irmã de Caridade (por sinal, minha irmã), havia tempos imóvel no leito do hospital, perguntei-lhe: “Como vai?”. Apenas conseguiu cochichar, com um sorriso que se deixava adivinhar: “Não vejo nada, não penso nada, mas nada me falta. Rezo no escuro só com Deus”. Que maravilha inesperada. No termo do seu envelhecer na caridade, ela balbuciava sua experiência da “noite escura e ditosa”, quase na linguagem de São João da Cruz, com um ligeiro toque de Santa Teresa de Jesus.

O envelhecer do discípulo de Cristo é a graça penúltima renunciando e preparando a graça última do Amor onipotente e condescendente, que abre a porta para a felicidade total e definitiva de amar e ser amado na Comunhão dos Santos, jorrando da Comunhão Trinitária.

O campo primeiro da realização e da manifestação do processo de envelhecer é a pessoa mesma em seu ser orgânico, anatômico, biológico, psíquico, em sua capacidade, facilidade ou dificuldade de pensar, de memorizar, de decidir e de agir. Bem ligado a esse primeiro domínio individual se estende o espaço das relações curtas, diretas e imediatas entre os membros da comunidade familiar, natural ou religiosa. Essas relações se coordenam e tecem as formas primárias de sociedade doméstica ou comunitária, núcleo primeiro e mais influente para favorecer o envelhecer feliz

ou para erguer um muro de obstáculos a essa arte de bem viver e conviver. O lar é o primeiro santuário e a primeira escola da ética, da espiritualidade, do encontro pacífico e criativo entre as pessoas e com Deus, que se torna presente mais nas relações de carinho e ternura do que em práticas de devoção. Estas se destinam a favorecer a presença ativa, interativa da caridade.

Essa visão integral da espiritualidade se estende a todo o domínio da Vida Consagrada, tendo uma aplicação mais urgente quando se trata do quadro e do clima que a comunidade oferece aos idosos, aos que são chamados à felicidade de envelhecer vivendo e convivendo na alegria de um mútuo querer bem.

Ainda uma confidência. Este ponto da reflexão é confirmado por uma mensagem vinda de Paris. Um grande e querido missionário dominicano, durante dezenas de anos advogado dos injustiçados e desprotegidos no Norte do Brasil, comunica – com alegria! – a sentença dos médicos: ele está definitivamente condenado a uma cadeira de rodas. Reza, participa da vida da comunidade e permanece em contato com seu campo apostólico. A idade e o acidente cerebral imobilizaram o apóstolo, apoio dos trabalhadores da terra, apoio jurídico e evangélico dos agro-opressores. Mas as fraquezas do corpo em nada diminuíram a vida contemplativa e a energia do Amor nesse pregador inquebrantável da Verdade libertadora.

Os tempos da Igreja, das sociedades, das culturas

Uma instituição como a Igreja, plurissecular, plurinacional, pluricultural, guarda e afirma mais ou menos bem sua juventude, por uma fluidez permanente em seu modo de existir, de agir, de reagir diante dos desafios e conflitos dos tempos. A velhice é a esclerose nas instituições, nos comportamentos, no jeito de pensar, de falar, de ensinar. E normalmente a Igreja se mostra jovem, estando em relação positiva com a juventude, com a faixa dinâmica da sociedade,

de maneira que o estilo da Igreja seduza e atraia os jovens e as jovens. Muito especialmente, a grande ventura estará em que Igreja e juventude se encontrem na utilização das novidades, das novas formas e técnicas de conhecimento, de ação e comunicação. Hoje, a tecnologia digital, a linguagem virtual encanta e mobiliza a juventude, que se torna uma ponta de lança da cultura moderna e pós-moderna. Fala uma linguagem nova e própria, brincando com essa arte mágica de tecer relações na sociedade em geral e nos espaços mais dinâmicos: esportes, culturas, diversões, artes, modas e turismos, no teatro permanente da telecomunicação, grandiosa ou nanica.

Bem se poderia dizer: o bom manejo, a manipulação acertada e até divertida da tecnologia que encanta as novas gerações não de ser compensadas e favorecidas pela sabedoria das idades maduras e encanecidas, elas também gozando de melhores condições de vida, garantidas pelos progressos das ciências e das técnicas, Essa feliz harmonia das gerações terá uma boa repercussão nas várias etapas, especialmente no envelhecer da Vida Consagrada: os tempos pessoais têm tudo a ganhar com o bom êxito dos tempos da própria comunidade e de toda a humanidade. Os temores fundados não provêm dos progressos, por mais acelerados que sejam, das novas tecnologias. Como sempre e cada vez mais, os receios sensatos e prudentes visam a egolatria individual e coletiva, que pode, mas não deve, acompanhar um crescimento desigual, pouco partilhado, da economia, da educação, da comunicação e do poder político no mundo.

Envelhecer: a psicologia se abrindo à espiritualidade

Aqui, em seus desafios extremos, surge aquela norma exigente e constante da Vida Consagrada. Em todo tempo e lugar, ela há de saber assumir a verdade humana do momento pessoal, comunitário, social, que se está vivendo, conciliando-a com a verdade divina, da graça, da vocação à santidade, que nos eleva à dimensão da união e do dom de nosso ser em sua dimensão teológica, da fé, esperança e caridade.

Pode ser oportuno e proveitoso confrontar a experiência psicológica do envelhecer com o retrato espiritual traçado pelos grandes mestres quando se empenham em mostrar-nos as belas alturas humanas e evangélicas em que deve culminar a perfeição de uma Vida Consagrada. Sintetizando uma doutrina, por vezes um tanto longa, porque pretende sempre ser completa, convém consultar o grande guia da teologia, sobretudo em sua dimensão espiritual, que vem ser Santo Tomás de Aquino. Nos seus amplos e caprichados tratados sobre o conjunto das virtudes e dos dons do Espírito, Tomás se compraz em desenhar com rigor e fineza aquele projeto de perfeição terminal a que deve chegar a vocação humana que se confia ao sopro e à energia transformadora da graça.

Depois de construir o “santuário doutrinal”, das eminentes virtudes teológicas e cardeais, culminando sempre na mística dos Dons do Espírito Santo, o amável Mestre nos pega pela mão e nos convida a descer ao subsolo da sua construção. Aí, ele aponta para o que há de mais humilde, pouco ostensivo, mas constitui as vigas sustentando todo o edifício. Ele trata das virtudes da *Amizade* ou *Afabilidade*, da *Alegria*, da *Paz*, absolutamente necessárias e a que todos na comunidade têm direito, incumbindo igualmente a todos o dever de praticá-las.

Assim, o ser humano se eleva à felicidade de um bem querer e um bem fazer acima de toda a perturbação ou inquietude do egoísmo e de seus desmandos. A harmonia da afetividade chega até a desabrochar numa virtude que diríamos do “Bom Humor”. Tomás chega a dizer que nenhum ambiente humano, menos ainda uma comunidade religiosa, deve ser invadido pela “tristeza”, mas há de ser arejada pela virtude (!) da “jovialidade”.

Ele insiste em estigmatizar o “vício” da tristeza, esse clima de mormaço nas relações cotidianas, cuja persistência compromete a qualidade humana e virtuosa de uma vida comunitária. Ele se compraz em expor minuciosamente a mencionada virtude do *Bom Humor*, enaltecendo as atividades *lúdicas*, necessárias à saúde espiritual tanto da pessoa

como da sociedade. Tais são as graciosas questões 114, 120, que encerram o Tratado da *Justiça*, a que se junta a questão 168, que vem no fim do estudo da *Temperança*. Todas essas questões coroam com toques de delicadeza o rigoroso estudo das virtudes, na Segunda Parte (a II-II) da *Suma de Teologia* de Santo Tomás.

Está aí, para este encantador Mestre dominicano, o caminho exigente, mas suavizado pela esperança, ajudado pela caridade fraterna, que há de trilhar, com passos talvez um tanto trôpegos, quem vai envelhecendo no convívio e na partilha de uma Vida Consagrada. Na medida de sua autenticidade, este estilo de vida tende, portanto, a crescer e se estender em paz, em amabilidade, em afabilidade, no gosto partilhado do silêncio e da palavra, de trabalhar, de descansar, de cantar e de rir juntos.

Para ilustrar essa doutrina um tanto rígida talvez, em sua expressão ideal, nada melhor do que contemplá-la realizada na vida real de uma comunidade. O que Tomás de Aquino expõe em certa fraternidade com os filósofos São João da Cruz descreve irmanando-se com os poetas. Vai cantando para ajudar a galgar a Montanha ou a curtir a *Noite escura*, mas que há de se tornar sempre *ditosa*.

Mas o que nos interessa mais ainda seria lançar um olhar discreto sobre Santa Teresa de Ávila, ela mesma se chama Teresa de Jesus, admirando-a não tanto em seus êxtases, em sua oração, em suas caminhadas de andarilha fundadora de conventos. Mas, sim, surpreendê-la precisamente nas suas tardes de recreação com suas religiosas, rindo, cantando, despertando riso e fazendo todas cantar. Chegava a improvisar poesias e canções que atravessaram os cinco séculos que nos separam dela, quando comemoramos agora o quinto centenário de seu nascimento.

Um sinal tocante da harmonia de sua vida em que se aglutinavam a contemplação divina e a alegria de se divertir com as irmãs resplandece nestes pequenos episódios. Em uma tarde de confraternização jubilosa, uma jovem irmã se põe a cantar as belezas do Amor divino. Madre Teresa a

acompanha, e cantando e sorrindo cai em êxtase para edificação delas todas.

Teresa sabia e ensinava com a maior segurança e delicadeza: viver, conviver, envelhecer em uma comunidade votada à perfeição evangélica há de ser uma felicidade, uma alegria nem sempre poética e cantante, mas sempre muito real e profunda “como o Amor difundido em nossos corações pelo Espírito que nos foi dado” (cf. Rm 5,5).

Memória, o passado vivido, condicionando a marcha do presente e o rumo do futuro

A pessoa consagrada, em certo momento do envelhecer, está aí como um sujeito que livremente escolheu seu destino, optou pelo projeto de realização dos valores evangélicos. E no entardecer da vida constata que viveu bem ou mal esse projeto. Sua memória é esta sua história vivida, de maneira mais ou menos consciente, mais ou menos atenta à qualidade de seu presente, de seu envelhecer.

Quase sempre a memória entra na apreciação de quem considera seu processo de envelhecimento como desagradável feito negativo. Ele lamenta estar perdendo a memória e se pergunta como remediar essa falha com alguma chance de êxito. Não se minimiza aqui essa preocupação psicológica, que, no entanto, não entra em nossa reflexão atual. Nosso interesse primordial se concentra na apreciação da memória de que a pessoa é o sujeito e o objeto, articulando e buscando compreender o conteúdo de suas lembranças em relação com sua possível responsabilidade.

Os mestres espirituais Agostinho, Boaventura, João da Cruz, põem em grande relevo a dimensão afetiva na constituição e na qualidade da memória. Nisto são precursores das modernas psicologias das profundezas, que têm outros interesses e métodos de conhecimento. Pode ser esclarecedor o recurso a João da Cruz e especialmente a sua síntese bem didática na *Subida do Monte Carmelo*, Livro III, capítulo 1-15. Ele destaca no centro do conteúdo e da dinâmica da memória a sua motivação profunda e vivida que leva a dar

atenção e a reter informações sobre coisas, eventos, situações, pessoas, integrando-os como um tesouro próprio, que influencia a pessoa e passa a ser uma fonte de suas atitudes.

Para além das questões de lembrar ou esquecer nomes de pessoas, dos lugares ou de qualquer pormenor menos relevante, a insistência de base de João da Cruz se concentra nos interesses marcantes, nos apegos ao que é tido como valor para o sujeito, e acaba constituindo seu tesouro interior. Um cabedal crescente do que influiu num momento e vai agora passar a influir e orientar afeições, tendências, escolhas e em fim de contas determinar as opções e as orientações da existência.

O envelhecer será o processo de crescimento e fixação desse capital afetivo de medos, de contentamentos, de desejos, de sentimentos e ressentimentos, da marcha ou da inércia desse psiquismo vivido e que se vai vivendo, com mais ou menos felicidade. E então mestre João da Cruz entra com sua experiência e sua linguagem ascéticas e místicas: é preciso limpar, esvaziar a memória, introduzi-la na noite que não mais deixa aparecer e influir as lembranças de tudo o que era ambição, apegos de ontem e de hoje. E, assim, desta “noite”, deste “vazio” da memória a graça faz surgir, crescer e expandir a esperança de Deus e dos bens divinos.

A radicalidade dessa limpeza e desse vazio da memória não significa qualquer apagamento do conhecimento. O que é tocado e transfigurado é a motivação que presidiu e poderia dominar ainda a aquisição interesseira, ambiciosa e egocêntrica dos conhecimentos. A esperança evangélica, teologal, lança sobre a memória a grande luz do Bem e do Amor divino, tudo convertendo e transfigurando a esta luz. Há uma releitura da história passada, todos os bens sendo vistos com dons de Deus, na força suave da ação de graças, prolongada pela esperança de viver, de envelhecer em um projeto de amor, de dom de si ao amor.

Recapitulando e sugerindo

Nossa reflexão não visa a entrar nos pormenores das medidas a tomar, das eventuais instituições a constituir e manter

para favorecer boas condições de amparo e convivência para a faixa da chamada terceira idade. Nosso primeiro empenho aqui é esboçar as linhas de uma espiritualidade, de uma visão evangélica do permanecer no amor em todas as vicissitudes do tempo, prolongando até o fim os laços de amizade fraterna que é a Vida Religiosa Consagrada.

• *Primeiro risco a evitar.* Essa atitude de pleno acerto da caridade evangélica começa por exorcizar um erro do egoísmo individual e social que pode invadir a Vida Religiosa: considerar a velhice apenas como um problema. Com aquela sua pedagogia tão humana e tão divina, Jesus nos ensina o que vem a ser o próximo, cujo conhecimento e cuja acolhida nos fazem viver com Deus e para Deus. Nosso Mestre declara que o primeiro erro, segundo seu Evangelho, é passar ou ficar longe do necessitado. O bom samaritano começa por se aproximar, deixando-se, então, tocar e animar pela misericórdia.

Uma comunidade religiosa não pode se construir de um feixe de grupos separados. Nada de enclausurar em recantos isolados: noviços, formandos, enfermos, idosos, deixando-os permanentemente alheios aos interesses uns dos outros e ao bem comum de toda a comunidade. Sem dúvida, para que tudo vá bem, o dedicado bom samaritano precisa confiar o necessitado a uma estalagem boa e acolhedora. Mas seu amor está sempre de olho, sempre atento e cuidadoso. As necessidades, criadas pelo envelhecimento, devem ser uma fonte constante de aproximação, de maior presença de todos a todos.

A comunidade se há de organizar como um espaço de aconchego, um jardim favorável ao florescimento de todas as etapas da vida humana em modelos de santidade evangélica.

• *Curtir a experiência do próprio envelhecer.* Convém encarar de dentro nosso processo de envelhecer. Esse processo comporta o sobreviver com o risco de solidão. Esta se agrava com o acúmulo de fracassos e decepções. Tanta gente amiga que se foi. Sonhos e esperanças se esvaíram. Bons projetos pessoais, da comunidade, da Igreja, do País foram por água abaixo ou se realizaram até por menos da metade. A memória do idoso corre o risco de encurtar-se ou de se concentrar

em ilhas de desencanto, se não de desalento, outros tantos frutos de um rançoso egoísmo que se esconde e disfarça. Essa situação de um envelhecer penoso pode, então, ser a resultante e o testemunho de uma Vida Religiosa que, em parte ou no todo, se tornava uma existência enclausurada em si mesma.

Para todas as formas de Vida Consagrada e em todas as suas etapas, a atitude criativa e libertadora está em acolher o instante, o agora que é dado como uma graça, vivendo-o em harmonia com o tempo da Comunidade, da Igreja e da sociedade. À medida que avança a idade, deve crescer a convivência ativa e afetuosa, traduzindo-se na experiência constante de uma partilha de afeições e de uma comunhão de interesses. O acerto feliz e propulsor provém da dose de amor desinteressado, da preocupação generosa com os outros, mais ainda com o Reino do Amor acontecendo.

Um simples teste do acerto ou do desacerto dominante: ali está em seu canto tranquilo este religioso (esta religiosa), venerável, mas, com a idade, afastado das linhas de frente ou mesmo excluído de todas as atividades da comunidade. Aí surge a questão reveladora: como aprecia as notícias jubilosas que (por acaso!) lhe chegam de que as “novas gerações” estão exultantes, resolvendo velhos problemas e avançando excelentes projetos para a renovação da comunidade ou da Igreja? No rosto, invadido talvez de rugas e manchas importunas, desabrochará um sorriso de aprovação? O que se vê é um gesto de aplauso? Ou se ouve apenas um muxoxo de ciúme machucado?

Bem envelhece quem aprendeu a exultar com o êxito e a felicidade do outro, mais ainda da comunidade. A primeira fonte da felicidade, jorrando no alvorecer ou no entardecer da existência, é o amor desinteressado, todo identificado com o bem do outro e para o outro, sempre atento e alegre ao contemplar as ondas do Amor inundando a comunidade, a Igreja e o mundo de Deus e nosso.

• *A chave da felicidade de envelhecer.* A felicidade, a beleza escondida de envelhecer na Vida Consagrada resplandece, assim, qual dom maravilhoso da graça a ser acolhido e cultivado em todas as comunidades. A prioridade não está em

considerar e assumir a velhice, primordialmente, como um cuidado a mais, menos ainda como um fardo ou uma despesa. Esse empenho realista tem na verdade seu lugar, emerge como um dado e uma exigência nada negligenciáveis. No seu conjunto, com o progresso da medicina curativa e preventiva, a velhice cresce no mundo. Todas as famílias e sociedades pós-modernas hão de enfrentar o envelhecer como um feixe de questões, comportando uma ampla dimensão técnica e afetiva, o empenho de cuidar e a generosidade econômica em investir.

Em sua qualidade humana e sua inspiração evangélica, a Vida Religiosa há de resplandecer como o mais belo exemplo, mostrando como em toda parte as comunidades cultivam e mostram a beleza do amor evangélico, na comunhão de todas as idades. A inteligência e a técnica a serviço do amor fazem com que as comunidades religiosas sejam santuários de ternura tanto quanto de oração. Pois, na medida em que realizam seu carisma, sua forma própria de viver o amor, elas refulgem quais milagres da caridade em um mundo de egoísmo requintado.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. A sua comunidade está animada da estima, do empenho firme, inteligente, eficiente de ajudar os idosos a prosseguir sempre participando da vida e dos interesses espirituais e apostólicos da comunidade?
2. Já se conseguiu estabelecer um bom sistema de apoio, de ajuda aos que vão envelhecendo ou chegaram ao ponto de precisarem de um cuidado especial e constante? Há alguma coisa a acrescentar ou melhorar?
3. Praticamente, como conciliar a segregação dos idosos, quando necessária, com as atitudes fraternas para mantê-los o mais possível em contato e no convívio com a comunidade?

Como celebrar o Ano da Vida Consagrada neste calor e sem água? Perscrutai!

FR. JOHANNES GIERSE*

“Perscrutai” é o título do subsídio elaborado pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica com o intuito de oferecer um impulso espiritual para o ano de 2015, dedicado aos consagrados e às consagradas. Nele, o profeta Elias é apresentado como referência para a Vida Consagrada (monástica). Você sabia que Elias é o profeta que já no século IX a.C. estava “ligado ao clima”? Uma vez ele causou uma seca: “Pela vida de Javé... a quem sirvo: nestes anos não haverá orvalho nem chuva, a não ser quando eu mandar” (cf. 1Rs 17,1); outra vez fez chover (cf. 1Rs 18,41-46). Portanto, creio que ele tenha muito a ensinar a nós, consagrados(as), neste tempo em que faz calor e não chove. Perscrutai!

Olhar com gratidão o passado da Vida Consagrada no Brasil

Sem a presença, o espírito missionário e os carismas da Vida Religiosa, a história da Igreja de Jesus Cristo seria outra. Na sua origem, “está presente a ação de Deus que, no seu Espírito, chama algumas pessoas para seguirem de perto a Cristo, traduzirem o Evangelho numa forma particular de vida, lerem com os olhos da fé os sinais dos tempos, responderem criativamente às necessidades da Igreja” (Papa Francisco na carta às pessoas consagradas). Na história da Igreja no Brasil podemos verificar isso: com a romanização no final do século XIX, chegou uma onda de religiosos(as) da Europa e da América do Norte que, lendo os sinais dos

* Alemão, desde 1990 no Brasil. Membro da Província Franciscana de Nossa Senhora da Assunção, Bacabal-MA. Experiências pastorais no Nordeste e na Amazônia, mestrado em Missiologia pelo ITESP.

tempos, colocaram os pilares na educação e na saúde. Após o Vaticano II, a necessidade da Igreja era de “ir ao encontro solidário com os pobres que lutam pela vida” e cujos direitos eram “pisoteados pelos prepotentes” (*Perscrutai*, 6). Muitos(as) religiosos(as) caminharam com o povo lavrador no seu êxodo do latifúndio rumo à terra prometida da Reforma Agrária, mesmo que custasse o sangue. Hoje, qual o sinal dos tempos, o sinal de Deus mais forte a ser lido com os olhos da fé e que requer nossa “vigília vigilante”?

Você acredita em mudanças climáticas?

Ainda há pessoas (consagrados[as]) que não entenderam, negam ou se despreocupam com a relevância da mudança do clima. Mas este assunto não é uma verdade de fé na qual a gente pode ou não acreditar, e deve ser visto como um fato. As mudanças climáticas são um dado cientificamente fundado nas pesquisas e observações meteorológicas feitas ao longo de décadas e que têm uma margem de erro menor de dez por cento. Os relatórios da ONU dizem que o aquecimento global e o decorrente aumento de catástrofes extremas não são um fenômeno natural – um fenômeno cíclico ou uma fúria da natureza, como diz a mídia –, mas, sim, são causados por uma junção de ações humanas referentes ao nosso estilo de produzir, transportar e consumir os bens necessários e desnecessários da vida. Desde a revolução industrial (séc. XVIII) a emissão dos gases de dióxido de carbono cresce exponencialmente. Se o aquecimento global continuar nos próximos cem anos, “o mundo vai ultrapassar os 2°C previstos nos acordos internacionais. A probabilidade de isto acontecer é grande...”, diz o doutor em demografia J. Eustáquio Diniz Alvez (*EcoDebate*, 04/02/2015). O impacto humano sobre a degradação do planeta é análogo à doença da dependência química: ambos são progressivos, irreversíveis e fatais. Comprovadamente, a mudança climática progrediu; em breve pode se tornar irreversível. E assim estamos indo de passos largos rumo à fatalidade. Das nove categorias das chamadas “Fronteiras Planetárias”, “já

avancamos quatro: estamos acima do limite tolerável para extinção de espécies, desmatamento, nível de gás carbônico na atmosfera e contaminação dos oceanos por fertilizantes químicos” (*Jornal Nacional*, 16/01/2015). O relógio bate “5 para as 12”.

De um lado, muitas pessoas têm uma vaga consciência ecológica “de que estamos no mesmo barco... e tudo que acontecer para alguns, mais cedo ou mais tarde, acontecerá para os demais integrantes da ‘nau’ terra” (relatório Brundtland *Nosso Futuro Comum*). Do outro lado, a humanidade não percebeu ainda a virada: “No passado nos preocupamos com os impactos do crescimento econômico sobre o meio ambiente. Agora temos que nos preocupar com os impactos do desgaste ecológico – degradação dos solos, regimes hídricos, atmosfera e florestas – sobre nossas perspectivas econômicas”, alerta o mesmo relatório. Quer dizer, o agressor virou um agredido. Então, o primeiro motivo de nos engajar no combate às mudanças climáticas é de nosso próprio interesse: a sobrevivência.

Ano da Vida Consagrada com calor e sem água

O segundo motivo é de natureza teológica: nós, consagrados(as) a Deus, havemos de lutar contra o grito da “desconsagração” ou dessacralização de toda a criação. Aliás, são dois os que gritam. Da mesma forma como o Senhor se mostrou solícito com as necessidades de seus filhos de Israel oprimidos no Egito ouvindo seu clamor e desceu a fim de os libertar (cf. Ex 3,7–8.10), temos que descer à criação que geme em dores de parto (cf. CF 2011). Pois “ficar surdo a este clamor, quando somos os instrumentos de Deus para ouvir o pobre, coloca-nos fora da vontade do Pai..., porque esse pobre (a criação) ‘clamaria ao Senhor contra ti, e aquilo tornar-se-ia para ti um pecado’ (Dt 15,9)” (cf. *Evangelií Gaudium*, 187). Mas, quem vive no “hoje de Deus” ouve além do gemido da criação o do próprio Deus. “Fé é o começo da compaixão com Deus. Somente quando o gemido

de Deus rasgar nosso coração compreenderemos que além de tudo o que é absurdo há um sentido, uma verdade e um amor” (A. J. Heschel citado por H. Nouwen, em *Ich hörte auf die Stille*, 134).

Consequência: a Vida Consagrada não pode ficar indiferente ou sofrer de *acédia*, “a incapacidade de ser uno consigo mesmo, com o momento presente” (Anselm Grün, *O ser fragmentado*, 47) diante das mudanças climáticas. Ondas de calor cada vez mais elevadas e reservatórios de água cada vez mais baixos – não só no Sudeste do País, mas em toda parte – e o Ano da Vida Consagrada coincidem para se tornar a nossa hora da graça, o *kairós* de darmos nosso testemunho profético. Se queremos visibilizar ou atualizar a Vida Religiosa – também com o intuito de atrair novas vocações – não basta confeccionar subsídios que divulguem nossos carismas. Os frutos que permanecem não são o dinheiro, bens materiais ou livros, mas o amor e os gestos que tocam os corações, dizia o Cardeal Ratzinger antes de sua eleição papal em 2005. Então, com que gestos audaciosos nós podemos tocar os corações testemunhando como Jesus é vivido nesta terra? De que forma vamos lutar, como Elias, prostrados na intercessão e implorar “chuva sobre o povo esgotado pela condenação à seca” (cf. *Perscrutai*, 6)?

Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais! (*EG*, 97)

A missão é duplamente desafiante: além de assumirmos o paradigma conciliar da “*solicitude pelo mundo e pelo homem*” (*Perscrutai*, 13), atualizando nossa consagração em face das questões socioambientais, nós nos deparamos dentro da Igreja com uma inércia do espírito e do agir, com um povo entorpecido pela cultura reinante. Tornamo-nos uma Igreja de festas e shows, de massa e de massas, de templos com culto esplêndido, da mídia, da espiritualidade intimista e individualista, do paletó e da batina. Uma prova disso? As Campanhas de Fraternidade perderam seu elã e não transformam mais os desafios da vida no planeta, da saúde, da

juventude. O Papa Francisco denuncia severamente uma fé de fachada: “[...] há um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história”. A esses grupos de elite falta “o selo de Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado...” (*EG*, 95).

São muitos os que em Igrejas com ar-condicionado falam em nome do Senhor, gritam o nome do Senhor, oram em nome do Senhor, curam em nome do Senhor, louvam nos seus shows o nome do Senhor. Também este tipo de “aparências nada mais” o Papa denuncia: “[...] até aqueles que aparentemente dispõem de sólidas convicções doutrinárias e espirituais acabam, muitas vezes, por cair num estilo de vida que os leva a agarrarem-se a seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão” (*EG*, 80). Quem se preocupa com a crescente carência, o encarecimento e a falta da água e dos alimentos? Todos nós viajamos entorpecidos no trem da vida em direção à “fatal cilada” (hino das Vésperas da Sexta-feira da I Semana).

As expectativas do Papa Francisco trocadas em ações concretas

O Papa diz o que espera da Vida Consagrada este Ano. Vamos trocar em miúdo essas expectativas em ações concretas que abraçam as necessidades concretas da história! Vamos nos deixar interpelar pelo Evangelho e olhar “para os horizontes que o Espírito sugere à Igreja” (*Perscrutai*, 11).

Alegria evangélica: ela é o pano de fundo de nosso ser e fazer. Na raiz da crise atual, da mudança de época (cf. DGAE, 19), está uma profunda crise de valores éticos e espirituais. Apesar dos avanços e progressos científicos, das conquistas de liberdades, dos bens materiais e da cultura da curtição, as pessoas sentem-se cada vez mais vazias, perdidas e com medo. A desertificação da terra tem sua origem na

desertificação do coração humano e seu sentido religioso. A partir de nossas próprias experiências de vida e de fé, nós, consagrados(as), poderíamos ajudar o ser humano fragmentado a encarar suas contradições e incongruências para se tornar mais humilde e, assim, conhecer a alegria do Evangelho. Poderíamos testemunhar que somente o amor crucial de Cristo – não o dinheiro – nos redime, integra nossos opostos (cf. Anselm Grün, *O ser fragmentado*, 54s) e nos enche de uma alegria autêntica e duradoura.

Profecia: a profecia com o seu lado de denunciar e anunciar é a nossa nota característica à qual nunca devemos renunciar, diz o Papa Francisco na sua carta. De um lado, o profeta anuncia quando promove aquilo que a vida no planeta precisa de mais urgente: oxigênio e água, os elementos vitais que têm a ver com a arborização. Portanto, aqui se encaixam todas as iniciativas para plantar árvores, cuidar da biodiversidade, do replantio e dos mananciais, defender as florestas (amazônicas) etc. É através de sinais pequenos e frágeis que deixamo-nos levar a coisas grandes, pois nestes sinais reconhecemos a presença do Senhor da vida e da esperança (cf. *Perscrutai*, 6.11). Um exemplo disso é a organização infantojuvenil *Plant-for-the-Planet* que mobiliza em todo mundo um mutirão para plantar um bilhão de árvores até 2020: “Parem de falar, é hora de plantar”, eles exigem dos adultos.

Por outro lado, temos que denunciar com veemência a emissão do CO², as obras faraônicas, a privatização dos recursos naturais, o agronegócio. Olhando os agentes da *Greenpeace* subindo em chaminé, enfrentando navios poluentes, levantando faixas em lugares críticos, penso que eles fazem o que nós deveríamos fazer; são mais proféticos! Assim como Elias manifestou “uma rebelião da consciência religiosa diante da decadência moral à qual o povo é conduzido pela prepotência da rainha Jezabel...” (*Perscrutai*, 6), nós deveríamos gritar um “basta! chega!”. Exemplos: durante muitos anos um grupo de religiosos(as) acampou diante do Banco Central da Alemanha (*Deutsche Bank*) denunciando os lucros gigantescos e as especulações financeiras. Dom

Luis Cappio, franciscano, e a “Articulação Popular São Francisco Vivo” lutaram contra a transposição das águas do rio. Dom Erwin Kräutler, Congregação dos Missionários do Preciosíssimo Sangue, e o movimento Xingu Vivo dão sua vida contra a construção da barragem Belo Monte. A pessoa consagrada a Deus é livre, não tem o que perder. Ela é chamada a servir e dar a vida como resgate em favor de muitos, assim foi a missão do Mestre (cf. Mc 10,45).

Comunhão: as mudanças climáticas resultam da fragmentação das relações humanas: da pessoa humana consigo mesma, com o próximo, com as criaturas e com Deus. Este é o *kairós* para que sejamos “peritos em comunhão” e trabalhe-mos “a sério para que o ideal da fraternidade... cresça, nos mais diversos níveis”, espera o irmão Papa Francisco na carta dirigida a nós. Todos nós – consagrados(as), comunidades, juventudes, pessoas de boa vontade – somos chamados(as) a perscrutar juntos o céu e vigiar para percebermos, em meio às catástrofes, o mistério de Deus como *voz de silêncio sonoro* (cf. *Perscrutai*, 12). Por isso, vamos sonhar, promover, realizar os mais diversos mutirões, campanhas e iniciativas que vão levar-nos à mais bela descoberta: a vida acontece em rede, em relações interdependentes, em comunhão. O tempo se cumpriu, o Reino da fraternidade planetária está próximo, pois “ninguém se salva sozinho... nem por suas próprias forças” (*EG*, 113).

Então, a *communio* eucarística não se restringirá à Igreja, ao altar, mas se estenderá ao altar da *communio* universal, e vice-versa. Pela mística-de-viver-juntos – todas as gentes e as criaturas todas – (re)descobrimos o mistério do Pai Criador e nós como seus cocriadores: “Creio em Deus Pai..., criador do céu e da Terra” (*Creio*) que proclamam a sua glória (*Sanctus*). Nesta mística iremos entender o mistério do Cristo cósmico, por quem e para quem tudo foi criado (cf. Cl 1,16). A mística da comunhão nos enche do mistério do Sopro Divino que vivifica, recria, consola e defende não de forma intelectual, racional, doutrinal, crendo em letras decoradas do *Creio*, mas vivencial, experimental, surpreendente. Desvendamos um novo caminho mistagógico da

Trindade! Consequentemente, não nos fechamos mais em nós mesmos, não nos asfixiamos mais por pequenas brigas, não somos mais prisioneiros de nossos problemas, afirma Papa Francisco.

Missão: para chegarmos a essa experiência temos que sair de nós mesmos, ir por todo o mundo e ajudar o povo a perscrutar a ameaça da fatal cilada. Se na arca de Noé se salvassem apenas oito (cf. 1Pd 3,20) dos oito bilhões de habitantes seria muito pouco e injusto. Então, como nós, “os Elias dos tempos atuais”, nos posicionamos? Continuamos enclausurados(as) na salvaguarda do *status quo* ou deslocamo-nos para percorrer os caminhos da missão? Diante deste divisor histórico entre o tudo e o nada, nós, consagrados e consagradas, no *limiar* vamos “mais além..., lá onde tudo está em questão” (*Perscrutai*, 15). Mostremos como Jesus é vivido nesta terra e neste tempo aquecidos: a sua Encarnação, quando, “pequenos mas fortes no amor de Deus, como São Francisco de Assis,... [cuidamos] da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos” (*EG*, 216); a sua Páscoa, quando, numa vigília vigilante imploramos e trabalhamos pela “chuva sobre o povo esgotado pela condenação à seca” (*Perscrutai*, 6); enfim, o seu Pentecostes, quando vamos ao encontro dos outros para congregar os diversos e diferentes na fraternidade universal.

Duas surpresas de Deus que anunciam chuva

Se Elias é uma referência para a vida monástica e se este profeta mexeu com o clima, ousou adivinhar as surpresas de Deus! A primeira: caso nossas ordens e congregações não assumam a “missão da justiça climática”, o Espírito Santo, que bem sabe o que faz falta em cada época (cf. *EG*, 280), certamente já está de olho nos jovens que num futuro próximo de dez ou quinze anos fundarão novas Congregações Religiosas de carisma criacional-ecológico. A segunda: os reservatórios de água baixíssimos e os reservatórios vocacionais minguados são pura coincidência ou há uma relação entre os dois fatos? A fecundidade da vida no planeta não levaria a uma fecundidade da Vida Consagrada? Perscrutai!

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais as características de uma Igreja mundana e de uma Igreja profética?
2. Quais as expectativas do Papa para o Ano da Vida Consagrada?
3. Quais duas surpresas de Deus que anunciam chuva?



ASSINATURAS

Prezado(a) assinante,

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 125,00 (para o Brasil)
- R\$ 175,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <crbnacional.org.br>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 2863-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

convergencia@crbnacional.org.br

ou pelo telefone **(61) 3226-5540**

ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).